

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO

I - O ENCONTRO.....	2
II - A ENTREVISTA.....	8
III - O CONTRATO	18
IV- A LÓGICA DA VIDA.....	30
V- O CAMINHO DA RAZÃO	
VI – RAZÃO E EMOÇÃO	
VII- TEORIA DOS JOGOS	
VIII - A EVOLUÇÃO DA COOPERAÇÃO	
IX- A ORIGEM DA ESTRATÉGIA	
X – O PRINCÍPIO RETRIBUTIVO DA COMPETIÇÃO	
XI – UM MÉTODO PARA A ESTRATÉGIA	
XII – O ORÁCULO	
XIII - A CIDA E SEU CONTEXTO	
XIV – MODELOS MENTAIS	
XV- O VALOR DA FELICIDADE	
XV	

I - O ENCONTRO POR QUE MINHA VIDA É ASSIM?

Eram tempos difíceis aqueles, estava chegando mais uma data de seu aniversário e Junior estava percebendo que não teria muito a comemorar - mais uma vez. Tudo bem que sua vida não era um desastre, tinha como vitórias, em sua trajetória de trinta anos, alguns bons momentos, mas estava longe do sucesso desejado. Sentia crescer um vazio interno, uma ansiedade latente.

Estava chegando a um momento decisivo em sua vida, teria que fazer alguma coisa, buscar algo mais significativo, tomar decisões, crescer e avançar. Olhando para o passado, lembrava algumas boas oportunidades perdidas, ora por não saber avaliar bem a situação, ora por medo de mudar, enfim, sentia-se levado como uma folha ao vento ao sabor dos acontecimentos.

Quando parava para pensar na sua trajetória, percebia a falta de um propósito para suas atividades, um significado maior para sua vida, realmente não podia continuar assim. O aspecto positivo dessa sua constatação era perceber o seu momento crítico, por isso estava disposto a buscar uma nova maneira de orientar sua vida, mas não tinha a menor ideia por onde começar.

Perguntas intrigantes começavam a surgir. Afinal, terei um destino traçado? Posso influir ou controlar o meu destino? Existe mesmo livre arbítrio? Por que a vida parece ser fácil para alguns e difícil para outros? O que nos faz felizes? Por que as coisas são como são? Podemos mesmo mudar o mundo? Por que a vida é tão competitiva? Como dar o primeiro passo? Por que minha vida é desse jeito?

E assim vinha transcorrendo sua vida. No começo, essas ideias eram apenas breves relâmpagos em sua cabeça, mas, aos poucos, foram tomando conta da sua rotina e, nos últimos tempos, só pensava nisso - o tempo todo. Junior estava entrando em uma típica crise existencial. Tudo parecia fora do lugar; ele não se sentia satisfeito com nada.

Aquela manhã, porém, parecia especial. Ele acordara com uma sensação diferente, um pressentimento de que algo estava por acontecer e isso lhe causava ainda mais apreensão. Ao despertar, foi tomado de um súbito arrepio que percorreu todo o seu corpo, parecia um daqueles avisos de resfriado, sem, no entanto, identificação de qualquer outro sintoma.

Um banho rápido fez Junior acordar definitivamente. Enquanto secava o cabelo, balançou a cabeça e disse para ele mesmo:

– Preciso aliviar minha cabeça, pensar positivo para me concentrar no trabalho, caso contrário tudo vai piorar.

Tomou um rápido café e saiu para o trabalho como de costume. Seguiu de sua casa para a estação do metrô; ele tinha um longo caminho a percorrer até o centro financeiro da cidade, área onde ficava o banco em que trabalhava como assistente há dois anos. Era uma segunda-feira perdida no meio de um feriado, por isso o metrô não estava lotado como habitualmente e ele pôde, então, acomodar-se em um dos assentos no fundo do vagão. Ele queria ficar só.

Na primeira parada, uma senhora entrou, olhou para o vagão quase vazio, andou em direção a Junior e sentou-se ao lado dele. Aparentava sessenta anos e trazia uma bolsa da qual retirou um pequeno livro. Abriu em uma página marcada e começou a ler, murmurando as palavras como se elas fossem uma canção, porém sem emitir qualquer som.

Junior pensou em buscar outro lugar para permanecer entregue aos seus pensamentos, mas desistiu. Afinal que mal fazia ter alguém ao seu lado?! Normalmente, o metrô ficava superlotado e ele estava acostumado a ir apertado e, muitas vezes, em pé. Aos poucos, foi dando atenção à sua companheira de trajeto. Ela emanava uma paz contagiante, uma energia positiva e envolvente. Ele percebeu que a inspiração vinha do livro. Tentou ler o título na capa sem sucesso, pois o exemplar estava encoberto pelas mãos da senhora. À medida que o trem avançava, a sua curiosidade em relação ao livro foi aumentando, visto que a senhora parecia estar cada vez mais envolvida pela leitura.

Ao perceber o interesse de Junior ao seu lado, a senhora estendeu-lhe um olhar como que o convidando a iniciar um diálogo e foi o que ocorreu. Junior decidiu perguntar sobre o livro.

- Permita-me interrompê-la, mas estou curioso sobre o seu livro, parece ser uma excelente leitura. Ela gentilmente parou de ler e mostrou-lhe a capa surrada do pequeno volume.

Junior pensou um pouco e, intrigado com o título do livro, indagou a senhora sobre o que exatamente tratava o que ela lia.

- É sobre como fazer escolhas, superar limitações, buscar caminhos para valorizar a vida e tudo que a envolve, meu jovem.

Seu interesse aumentou e Junior decidiu saber mais naqueles minutos que restavam antes de chegar à sua parada e voltou a perguntar.

- É um desses livros de autoajuda? Que dá conselhos e receitas de vida?

-Não, não é um livro de receitas prontas, nem de conselhos. São apenas linhas em que eu me baseio para tomar minhas decisões, respondeu ela. É uma espécie de Oráculo. Quando estou em dificuldades, ele é minha inspiração; quando estou ansiosa, sinto-me acolhida em suas páginas.

E acrescentou.

- Neste mundo repleto de tantas informações e incertezas, decidir algo está cada vez mais difícil, a gente precisa ter uma fonte de inspiração para nos apoiar em nossas decisões.

- Posso dar uma olhada? - disse Junior, estendendo as mãos para a senhora.

Pegou cuidadosamente o exemplar e folheou, percebendo que ele era composto por títulos de anotações, indicações de livros, citações, textos em forma de cartas, frases feitas, provérbios e dissertações sobre competição, cooperação e estratégia. O livro tinha a capa em vermelho forte, sem nenhuma inscrição.

O toque naquele estranho volume, de papel encadernado rusticamente, deixou Junior excitado como se tivesse, em suas mãos, uma verdadeira relíquia. Tinha uma aparência

estranha para ser um livro, mais parecia um diário sem, no entanto, ser pessoal. As poucas frases que leu naquele instante pareciam ter sido escritas para ele em seu atual momento.

Junior sentiu novamente aquele arrepio de quando estava acordando cedo em sua casa. - Muito estranho, pensou, “parece um aviso, quero saber tudo sobre este livro, tem algo me atraindo para ele”, e continuou o diálogo.

- Posso anotar a editora e o autor? Fiquei muito interessado no assunto? Mas não vejo os créditos aqui...

- Meu jovem, não poderei atender seu pedido. Este livro é de minha autoria. - e mostrou a primeira página interna, na qual estava escrito “O Propósito” e, logo abaixo, o nome Assunção.

Surpreso, Junior indagou:

– A senhora se chama Assunção! Então, a senhora é a autora, escreveu um livro para a senhora mesma ler? É isso mesmo?

- Mais ou menos - disse ela. – Faz um bom tempo que venho escrevendo e lendo o que escrevo. Leio outros livros também que fazem parte do meu. Assim, não tenho só um livro; compartilho livros na forma de conceitos interpretados e reproduzidos nos meus textos. Meu livro é um conjunto de ideias, conhecimentos e experiências acumuladas; é minha construção como pessoa, meu intelecto traduzido em palavras.

- Na verdade, sou coautora; o autor intelectual é outra pessoa que me conduziu para escrever meu próprio livro, é alguém com muito conhecimento e sabedoria para encontrar caminhos e soluções. Tive a felicidade de encontrá-lo para aprender a pensar, desenvolver e escrever minhas próprias ideias. Foi uma grande mudança na minha vida. Uma espécie de recomeço permanente até hoje. De fato, eu continuo escrevendo este livro e penso que nunca vou terminar. Cada vez que eu releio algumas partes, acabo escrevendo um pouco mais, são novas descobertas, novas estruturas de decisão, novas formas de encontrar caminhos.

- E, a cada nova leitura, eu incorporo novas ideias. Meu oráculo vai sendo enriquecido e nunca terá fim.

Ela, então, abriu a bolsa mostrando a Junior um caderno de anotações e acrescentou.

– Estou escrevendo outro volume; quando escrevi a primeira linha desse livro, já sabia que seria assim. Esta é uma obra a ser iniciada por alguém que esteja disposto a ampliá-la indefinidamente - é como a vida, só acaba quando termina. Primeiro, tive que reaprender a ler e a assimilar os conteúdos e, só depois, comecei a escrever. Eu lembro bem como escrevi a primeira página, aliás, a mais difícil de todas. Fiquei semanas tentando escrever, escolhendo as palavras, construindo frases bonitas e acabava sempre rasgando a folha e colocando no lixo. Só consegui ir adiante quando me dei conta de que não estava escrevendo para os outros, mas para mim mesma.

- Mas, então, não é só um livro, é uma experiência de vida por que a senhora passou! - disse Junior. - Certamente levou muito tempo e exigiu muito esforço. A senhora reuniu, nesse livro, conhecimento, experiência e sabedoria necessários para guiar sua vida.

- Sim - respondeu ela - foi um longo caminho e que me trouxe muita satisfação, que deu sentido à minha vida. Aprendi a olhar o mundo como ele é: não como uma única verdade, pois esta é primeira verdade que aprendi. Não existe uma só verdade para todos; esta é apenas a minha; cada um pode ter a sua. Só depois de compreender o que está ao meu redor, consegui encontrar o meu lugar, o lugar onde posso ser feliz.

- Entendo - disse Junior - é uma perspectiva de vida, algo que a gente desenvolve para orientar nossas decisões e construir nosso futuro. Isso vale tanto para pessoas, como para organizações e negócios. Bem, é isso que eu estou procurando. A senhora poderia me emprestar o livro para eu tirar uma cópia? Desculpe meu atrevimento, afinal a gente mal se conhece, mas eu fiquei muito interessado e gostaria muito de ler e aprender com o seu oráculo... Seria possível? Podemos fazer isso no centro da cidade; eu a convido para um café, por favor?

- Meu filho - disse ela - infelizmente, este livro não vai servir para você. Não que eu não queira emprestá-lo, não é isso: mas ele não vai ajudar você, pois as ideias colocadas aqui têm a ver comigo. Você terá que escrever o seu próprio oráculo, para ser a sua fonte de consultas permanente. De que adiantaria você ler o meu livro se o que você procura são respostas para as suas escolhas? Aqui, está o processo que eu escolhi para fazer as minhas e de mais ninguém. O que você precisa é aprender a aprender, isto é, desenvolver o processo de como fazer suas escolhas. Quando conseguir fazer isso, as suas respostas virão. Você deverá descobrir por que tomar ou não tomar certas decisões, como identificar e interagir diante de ameaças e oportunidades, qual a postura ideal para enfrentar o mundo competitivo como se apresenta nos nossos dias.

Junior estava um pouco confuso e, ao mesmo tempo, intrigado com aquele diálogo. Seus questionamentos internos só aumentavam, porém, ao contrário de outros momentos, eles não estavam causando nenhum incômodo. Junior estava sentindo um prazer incontável de aprofundar sua reflexão com a participação daquela pessoa que acabara de conhecer e para a qual, de imediato, abria sua intimidade.

Naquela altura da conversa, já não havia dúvida: aquele era um acontecimento único. Um novo caminho estava surgindo à sua frente. Seria o destino batendo à sua porta, uma simples coincidência ou algo premeditado? Junior não sabia como definir aquele momento, mas isso não era importante. O que interessava é que ele estava, de forma inesperada, excitado e atraído para algo desconhecido, mas poderoso. Este é o momento - pensou decididamente.

- Bem - disse Junior - creio que tenho muito mesmo a aprender sobre muitas coisas, mas, pelo que estou entendendo, a senhora está falando de um aprendizado diferente. Poderia explicar melhor?

- Veja bem - disse ela - tudo o que parece complicado, na vida, pode ser simples e tudo o que parece simples pode ser mais complicado do que parece. Isto acontece porque, muitas vezes, nos enganamos sobre o significado dos acontecimentos em torno de nós. Precisamos esclarecer os fatos, assimilar a realidade como ela é para, então, nos inserirmos nela. E tudo começa pelo conhecimento acerca de nós mesmos, como pessoas pertencentes ao gênero humano, neste mundo em que vivemos. Lembre-se do que acabei de falar: parece complicado, mas não é! Você poderá comprovar.

- Mas, então, indagou Junior - se eu quiser aprender a fazer boas escolhas, vou ter que escrever meu próprio oráculo? É isso? Como vou fazer? Não tenho a menor ideia de

como começar nem por onde, pois nunca escrevi nada. Essa parece ser uma tarefa impossível. Mal tenho tempo para meu trabalho e ainda estou estudando.

- Calma - disse ela - não desista antes de começar. O primeiro passo não começa quando você move o seu pé e, sim, quando você decide que vai movê-lo. Se você quer mesmo ir em busca dessa importante ferramenta para sua vida, vou indicar a você a pessoa que me ajudou, mas, antes, vou fazer uma advertência. Você só irá procurá-lo se estiver determinado a aprender. E mais: não vá ao seu encontro se tiver qualquer dúvida, pois ele o mandará de volta com as mãos vazias se não sentir firmeza no seu objetivo. Lembre-se de que você terá que aprender a aprender, tudo vai depender de você, ele irá guiá-lo, mas não ensiná-lo. Lembre-se de que você irá ao encontro de ideias que farão mudar a sua perspectiva de vida, deve estar preparado para fazer escolhas e perseverar com elas.

Junior pensou um pouco.

- Entendi. Esta pessoa vai me dar todas as respostas; vou escrever meu roteiro de vida e resolver meus problemas.

- Agora já parece tudo simples – disse ela - mas também não será tanto assim. Você vai enfrentar muitos obstáculos, terá que rever conceitos de vida, aceitar sua condição humana imperfeita e contraditória e, sobretudo, você deverá estar sempre aberto para o conhecimento e para a mudança.

- Concordo – falou Junior - terei que me concentrar, pois, muitas vezes, fico oscilando. Quando é fácil, perco o interesse; quando parece difícil, desisto. Tenho que mudar minha postura. Eu ficarei muito agradecido se me indicar essa pessoa. Vou procurá-la imediatamente. Confesso que me sinto perdido, preciso de um rumo para as coisas da minha vida pessoal e profissional, não consigo ver o começo, o meio nem o fim dos meus projetos. Desculpe o meu desabafo, mas é que estou cheio de certas coisas, estou pronto para algo novo, quero novas referências e irei me comprometer e fazer sacrifícios para conseguir o que procuro.

- Pois bem - disse a senhora - vejo que você está mesmo decidido. Aqui está o endereço. Vá a este lugar e procure O Estrategista, é assim que ele é chamado. Fale com ele, mas atenção para mais uma advertência: não espere por milagres e resultados imediatos, você terá uma tarefa árdua para realizar. Não fixe ideia de tempo; apenas concentre sua energia e aprofunde seus pensamentos, que os resultados de seu aprendizado virão naturalmente.

Junior dobrou o papel com o endereço e o guardou. Agradeceu à senhora, levantou e dirigiu-se à porta do vagão. Desceu do metrô. Ficou olhando para trás, acenou para Assunção e, à medida que caminhava para sair da estação, ia experimentando uma sensação indescritível. Era como se uma onda de energia tivesse penetrado em seu corpo, invadindo sua alma e se alojando em seu coração. Aquele arrepio sacudiu seu corpo novamente.

No caminho para o trabalho, ficou andando em uma praça por algum tempo para baixar a adrenalina; definitivamente, fora tomado de uma súbita força de realização que jamais havia sentido. Não queria chegar ao seu escritório com toda aquela empolgação, não queria demonstrar toda aquela euforia. Após andar alguns minutos, parou para tomar mais um cafezinho, respirou fundo e seguiu para o banco onde trabalhava.

Enquanto trabalhava, sua mente, agora, estava tomada por uma ideia fixa. Precisava ir atrás do contato indicado pela senhora do metrô. Parecia uma coisa meio louca, mas convencido de que aquele encontro foi como uma paixão repentina: foi um encontro arrebatador.

O dia passou rapidamente e, no final do expediente, Junior dirigiu-se ao seu chefe e pediu dispensa do dia seguinte. Naquele momento, ele estava decidido sobre o que iria fazer. Iria atrás de O Estrategista, como se ele fosse uma luz que se acendera para iluminar seu caminho. Mal podia esperar - teria ainda uma noite inteira antes de procurar alguém que não conhecia, mas que, internamente, sentia como se conhecesse; era como se fosse alguém com quem tivesse um encontro marcado desde que nascera. Não sabia o que iria acontecer, só tinha uma certeza: aquele dia ficaria marcado para sempre como o seu primeiro passo para encontrar o verdadeiro sentido para sua vida.

II - A ENTREVISTA QUEM PODE ME AJUDAR?

Passava um pouco das sete horas da manhã quando Junior acordou depois de uma noite agitada e mal dormida devido ao convulsivo passeio do seu inconsciente por todos os lugares possíveis e imagináveis. Não saberia explicar por onde sua mente sonolenta estivera viajando, seriam mundos, galáxias ou apenas fragmentos de pensamentos do dia anterior. Enfim, sua cabeça era uma miscelânea de ideias, estava tudo misturado.

Aqueles acontecimentos do dia anterior teriam sido parte de um sonho? O encontro no metrô, a conversa com aquela senhora de cujo nome nem se lembrava, o livro chamado de oráculo, o estrategista... Nossa! Que confusão! Sentou-se na cama, olhou para fora da janela. O sol já brilhava em um lindo dia de outono. Moveu lentamente a cabeça percorrendo seu quarto até seus olhos chegarem a uma pequena mesa ao lado da cama, sobre a qual, presa entre dois livros, pendia uma folha de papel com as indicações de um endereço e, no topo, em letras maiores, estava escrito O Estrategista.

Um misto de esperança, medo e alegria sacudiu seu corpo. Era real, estava acontecendo, não estava sonhando! Saltou da cama com energia; estava decidido a ir ao encontro do seu futuro. Banho rápido, uma xícara de café e estava pronto.

Decidira sair de carro, pois, de acordo com o endereço anotado no papel, o lugar para onde se dirigia ficava fora da cidade. Depois de rodar por, aproximadamente, quarenta e cinco minutos, parou diante de uma enferrujada placa de sinalização que apontava uma seta para a direita com a inscrição “Vale Verde a 12 km”. Junior dobrou à direita e seguiu pela estrada estreita, empoeirada e de onde se avistava, ao fundo, um conjunto de montanhas totalmente verdejantes em contraste com o céu azul daquela manhã de maio.

À medida que avançava, a vegetação ia se alterando e aumentando de tamanho. Árvores mais altas ladeavam a estrada já em elevação e cheia de curvas, indicando como direção o ponto mais alto da região. Passou por uma pequena ponte sobre águas transparentes e, depois de mais uma curva muito acentuada, chegou a uma pequena vila de, aproximadamente, quinze residências e uma pequena igreja. Era Vale Verde - o povoado do pé da serra, habitado por agricultores.

Junior parou em frente a um armazém, onde uma senhora - parada na porta – parecia esperar por ele. Foi até ela e perguntou:

– Por favor, uma informação! Estou procurando a propriedade de um senhor chamado de O Estrategista. Poderia me informar onde fica?

– É bem fácil - respondeu a senhora. - Fica a cinco quilômetros daqui, seguindo esta mesma estrada. Fica exatamente onde ela termina, não tem como se perder.

Junior agradeceu e retomou a estrada, mas ficou olhando para trás. A figura daquela senhora era de alguém que ele conhecia, mas que não conseguia se lembrar de onde.

Sua ansiedade estava aumentando, sentia sua respiração acelerar ao se aproximar do momento em que ia conhecer o homem sobre o qual tinha enorme expectativa, mas de quem não sabia nada a respeito. Simplesmente acreditava na indicação que recebera da

senhora do metrô. Era isso. Agora, sim, estava lembrando: a senhora do metrô era a mesma pessoa que estava na porta do armazém na vila. Esta lembrança o fez estremecer.

– Não pode – pensou alto Junior - estou enganado, não é possível, parece coisa preparada.

Junior não tinha certeza. Porém aquele olhar sereno e profundo parecia, sim, ser o mesmo, jamais iria esquecer aqueles olhos fitando-o fixamente enquanto conversavam no metrô na manhã do dia anterior. Aquela mulher era a mesma do metrô. Bem - murmurou – estou aqui e vou em frente, vai dar tudo certo, não há o que temer.

A estrada, aos poucos, ia se afunilando mais entre as árvores e continuava a subir - agora de forma mais íngreme - até chegar a um platô - já quase no topo da montanha. Era uma clareira no meio da floresta. Ao fundo, avistava-se um casarão em estilo colonial do século passado, uma mistura de madeira e tijolo bruto. A estrada terminava na entrada de um grande espaço, um suntuoso jardim, dando lugar a um caminho sobre a grama, marcado por sulcos de rodas de carreta.

À direita do casarão, havia uma residência menor, toda de madeira e, ao seu lado, um galpão rústico completava o conjunto da propriedade naquele espaço no alto da montanha. Sem dúvida um lugar especial, com uma vista panorâmica a perder-se no horizonte, onde o pôr-do-sol - de frente para o casarão - deveria proporcionar um espetáculo muito particular, pensou.

Junior entrou lentamente com seu carro, dirigindo-se à frente do casarão. Nessa altura, seu coração palpitava e, com todos os seus sentidos aguçados, prestava atenção a cada detalhe, procurando por movimentos, pessoas, alguém que pudesse recebê-lo. Junior parou o carro, desceu e ficou observando à sua volta. Aquele ambiente lembrava a casa de seu avô, falecido há muitos anos. Tinha boas lembranças daquela época e gostava de pensar no seu avô, um italiano que criara sua família de oito filhos na dureza da roça, homem correto e de convicções, alguém para servir de modelo para as gerações futuras. Junior tinha orgulho de sua origem e, quando precisava de um exemplo, costumava buscar a lembrança daquele seu ancestral.

Permaneceu ali, parado, respirando aquela atmosfera que o fazia voltar no tempo e, sem que percebesse, um homem caminhava em sua direção. Ele parou a poucos passos e esperou Junior notar sua presença para falar.

- Bom dia – Sou quem você procura, falou abrindo os braços.

Junior olhou para o homem à sua frente.

- Sou Junior, muito prazer. – Você deve ser O Estrategista, é muito bom conhecê-lo.

– Sim, Junior – respondeu ele – sou eu a quem chamam de O Estrategista. Seja bem-vindo. Um breve silêncio se fez sentir naquele momento. Junior não sabia bem o que falar diante daquele homem de cerca de 60 anos, óculos escuros, cabelos grandes e grisalhos, vestido de maneira despojada: camisa branca solta sobre o jeans e tênis. Imediatamente Junior foi tocado pela energia que emanava daquele homem. Ali mesmo a conexão entre ambos ficou estabelecida. O Estrategista ficou imóvel, sem dizer nada. Longos segundos se passaram até Junior perceber que caberia a ele, como visitante, a função de iniciar a conversa.

- Bem - falou Junior – Estou aqui por indicação de uma senhora que conheci lendo um livro no metrô. Ela me disse que você a orientou para fazer escolhas, para escrever seu próprio livro e buscar sentido na sua própria vida. A gente conversou um pouco e ela percebeu que eu precisava de ajuda, por isso me deu este endereço.

- Sim, Junior – disse O Estrategista - ela me avisou que você viria, mas não esperava que viesse tão rapidamente. Você teve sorte de me encontrar, nem sempre estou por aqui; o pessoal da vila sempre informa os visitantes de quando não estou.

- É – falou Junior – eu a conheci ontem a decidi vir hoje mesmo. Será possível conversarmos agora? Gostaria muito!

- Sim, podemos – respondeu O Estrategista. - Vamos entrar.

Entraram no casarão de dois andares e Junior observou seus detalhes. No meio do primeiro piso, surgia uma grande escada que, no segundo lance, dividia-se em outras duas escadarias laterais para outro piso superior. Do lado esquerdo, uma grande sala de jantar; ao fundo a cozinha; no meio, um grande espaço com uma mesa comprida ao centro sobre um enorme tapete; ao lado direito, uma sala de estar com dois sofás e duas poltronas nas pontas, formando um retângulo; ao fundo, uma biblioteca com uma mesa quadrada à frente como se fosse uma escrivaninha.

O Estrategista convidou Junior para sentar em um dos sofás e, sentando-se à sua frente, abriu um largo sorriso antes de falar.

– Aqui estamos nós, Junior. Vamos começar falando sobre você! Conte-me um pouco da sua vida, das suas aflições, das suas esperanças... Fale-me sobre o que você quiser.

Junior deu em largo suspiro, enquanto pensava por onde começaria.

- Bem, eu sou filho único, tenho 30 anos e já fiz de tudo na vida, trabalhei de garçom, auxiliar de escritório, em agência de propaganda, tentei meu próprio negócio e, agora, estou trabalhando em um banco como assistente da gerência de contas especiais. Estou tentando terminar minha faculdade de Administração. Precisei interromper o curso duas vezes, mas agora estou quase no final.

- De uns tempos para cá, comecei a me perguntar por qual caminho iria seguir na vida e confesso que, a cada dia, fico mais longe da resposta. É como se andasse para trás. Estou em dúvida sobre minha capacidade e sobre as possibilidades; chego a pensar que meu destino é ser apenas mais um no mundo, todavia, ao mesmo tempo, não me conformo em viver só por viver.

Junior parou por um instante, suspirou novamente, estava visivelmente emocionado e continuou.

– Fico me perguntando: Por que a vida parece injusta? Tão fácil para alguns e tão difícil para outros! É possível ser feliz? Por que as coisas são como são? Qual é a saída? Enfim, o que fazer para crescer, ter sucesso, alcançar objetivos, ter dinheiro? Preciso de um objetivo, quero ter o controle da minha vida. Será que eu estou errado em pensar assim? Ou deveria me conformar com o que eu tenho e aceitar tudo e pronto? Minha vida é de muita luta, tem sido duro levar meu dia-a-dia. Preciso mudar e é por isso que estou aqui. Estou disposto a fazer mais sacrifícios, gosto de trabalhar.

Felizmente, tenho saúde e vou lutar com todas as minhas forças para mudar a minha vida.

- Meu encontro com aquela senhora no metrô me deu esperança! Ela me falou de sua experiência, do seu oráculo, do seu aprendizado. Falou também sobre a nova trajetória, da vida reencontrada, de como fazer escolhas e tudo o mais. Fiquei impressionado, foi uma luz no fim do túnel que trouxe até este encontro. Por enquanto, é isso que eu gostaria de dizer. Só mais uma coisa - disse Junior - preciso saber como você trabalha, quanto vai custar. O fato é que só poderei continuar se conseguir pagar.

Fez-se um silêncio enquanto O Estrategista levantava-se para servir uma xícara de chá, primeiro para Junior e depois para ele mesmo. Parecia estar pensando. Retornou ao lugar.

- Meu caro Junior, parabéns pela sua iniciativa! - exclamou O Estrategista. - Vamos começar com calma. Entendo o seu relato particular, sua ansiedade momentânea e a necessidade de encontrar soluções. Vamos trabalhar juntos, porém advirto-o de que este será um longo e difícil caminho. Você não está sozinho neste momento de impasse na sua vida. Seus questionamentos são mais comuns do que você imagina. Algumas das suas perguntas só podem ser respondidas por você; outras vêm de muito longe, da história do homem. Você é mais um portador das questões existenciais da humanidade. Portanto, não se cobre tanto, tenha paciência, dedique-se e persevere para alcançar seus objetivos, confie no seu potencial.

- Sim - respondeu Junior. - Estou entendendo, devo controlar minha ansiedade.

- É isso mesmo, - retrucou O Estrategista. - Vou falar um pouco sobre o meu trabalho e também sobre minha vida. Há muitos anos, venho trabalhando com pessoas e com organizações na solução de problemas. Por isso, fui desenvolvendo um método de aprendizado para aplicar em cada situação. Não existem soluções prontas - as experiências e o conhecimento adquiridos até aqui me permitem entender melhor cada realidade. Procuro atuar como um guia para o pensamento elaborado pelas partes envolvidas nos problemas concretos; tento esclarecer, oferecer possibilidades e deixo sempre em aberto alternativas para decisões dos meus parceiros clientes. Portanto, não respondo a perguntas, apenas tento contribuir na busca pelas respostas através da evolução do pensamento, de uma lógica para a pergunta e de uma mesma lógica para a resposta. Para simplificar, trata-se de um método para a solução de problemas.

- Sobre minha vida teria muito a falar. - Prefiro resumi-la em poucas palavras agora. Tive uma vida dura como a maioria das pessoas, foram muitas batalhas e cheguei até aqui somando sacrifícios. Nada foi fácil para mim, trabalho constante, dificuldades na família, nos negócios. Enfim, uma vida como as demais e como a sua. Tive que superar muitas coisas. Percebi, ainda menino, o desafio imenso imposto à minha existência, deixar minha marca pessoal na sociedade, pensar diferente e fazer a diferença. Sempre estudei na certeza de encontrar, no conhecimento, a possibilidade de superar minhas deficiências. Aprendi a pensar com minhas próprias ideias e a fazer juízos pessoais sobre o que é certo ou errado. Sou produto da minha busca incessante pelo saber. Estou sempre recomeçando, como hoje, aqui, com você, Junior. Estou feliz por este momento!

- Entendi,- disse Junior. - Você acumulou experiência e conhecimento, por isso é chamado por empresários e por pessoas que precisam sanar dificuldades. Quando você fala de um assunto, o faz com a propriedade de quem já experimentou, na prática, a

mesma situação ou casos semelhantes. Vejo que você é a pessoa que eu estava procurando para me ajudar.

- Sim, vou ajudá-lo a se ajudar. Não existem respostas prontas, mesmo para os problemas mais comuns, uma mesma pergunta pode ter muitas respostas - disse O Estrategista. - Gosto de pensar na abordagem dos assuntos. Primeiramente, de uma forma ampla; depois, através da análise de suas partes para, ao término, formar a totalidade e compreender o conjunto e onde tudo está incluído. Tudo tem um contexto, um sistema agindo, influenciando e sendo influenciado por cada realidade. É como olhar a floresta e cada árvore nela presente ao mesmo tempo. Se não entendemos o sistema em seu todo, não poderemos entender a presença de cada elemento, sua importância, sua função e sua participação naquele ambiente. Nossa atuação depende da realidade na qual estamos inseridos, como a interpretamos e como reagimos à sua totalidade.

- Quer dizer - cortou Junior - que os meus problemas têm a ver com os problemas das outras pessoas? Eu faço parte de um conjunto, ou seja, tudo está relacionado? Para buscar uma solução para mim, será necessário entender como os outros tratam os seus? É mais ou menos isso? Tenho que entender o mundo antes de me entender?

- Sim - respondeu o Estrategista - é mais ou menos isso. Você tem um pensamento rápido! - elogiou-o.

- Mas espere um pouco - disse Junior. - Esta é uma tarefa gigantesca. Vim aqui para falar dos meus problemas e você me diz que tenho que entender o mundo antes?! Não seria mais fácil o caminho inverso? Tratar dos meus assuntos sem me preocupar com os outros?

- Veja bem, Junior! Você veio me procurar porque você quer mudar a sua vida e isso envolve todos os que vivem à sua volta: seu trabalho, seu estudo, sua família, seus amigos. Portanto, tal mudança é uma tarefa pessoal e interpessoal. Tudo tem a ver com todos! Vamos voltar ao que eu acabei de falar: a floresta e a árvore. Se você não olhar para a floresta, ou seja, para a vida como ela é para todos, como poderá entender a sua? Você precisa compreender a vida como um sistema e, só então, saberá a que parte você pertence e como se relaciona com as outras partes e com o todo.

Junior ficou preocupado; O Estrategista percebeu.

- Mas não se assuste, não quero que você fique pensando nisso agora - afirmou. Vamos trabalhar juntos, desenvolver uma forma de aprender a aprender, isto é, uma forma simples e estratégica. Uma coisa de cada vez, mas sem perder a relação com o todo. Só estou falando isso agora, porque quero que você já compreenda como vamos caminhar.

- Entendi - confirmou com a cabeça Junior. - É por essa razão que o chamam de O Estrategista! Você não é propriamente um consultor especialista; você é um analista, um pensador sobre como as coisas funcionam, sobre as relações entre as pessoas, os negócios, as organizações e a sociedade. Eu deverei aprender este processo para saber como as pessoas resolvem conflitos e encontram soluções para, então, realizar as minhas próprias possibilidades. É isso mesmo?

- É por aí, Junior. Quando entendemos como as coisas são, podemos tentar modificá-las para a forma como gostaríamos que elas fossem. Por enquanto, podemos resumir assim a nossa tarefa. Vamos tentar nos situar, entender sem tentar decifrar o mundo, nem

reinventar a roda. Primeiro você vai aprender a compreender, para depois aprender a atuar estrategicamente sobre seu próprio destino - finalizou O Estrategista. - Esta será sua missão!

Junior o interrompeu:

- Devo insistir: quanto vai custar seu trabalho? Estou preocupado em como pagar... para ser sincero, no momento, não tenho como encaixar quase nada no meu orçamento.

- Mais adiante vamos tratar dessa questão, seus compromissos e suas responsabilidades - emendou. - Você não perguntou, mas vou informá-lo. Você foi escolhido para estar aqui, no momento oportuno você saberá por quê. Valorize este momento e concentre-se em cada etapa a ser desenvolvida.

- Fui escolhido? Então não foi por acaso o encontro no metrô? - questionou Junior.

- Em parte foi destino; em parte, escolha. Assunção buscou alguém e encontrou você. Você a percebeu e ficou interessado, decidiu e está aqui. Portanto, destino e iniciativa atuaram para este encontro acontecer. Vai aprendendo, nada é puramente por acaso, embora o acaso também tenha sua maneira de atuar. A vida tem muitos mistérios a desvendar e jamais saberemos, ao certo, o que pode acontecer, não controlamos tudo, mas devemos abrir mão de tudo que podemos controlar. Todas as coisas têm uma razão para existir. Estamos aqui porque aceitamos a responsabilidade de fazer a parte que nos toca, compartilhando, com as forças do destino, aquilo que podemos fazer pertencer às nossas escolhas.

- O universo, o nosso mundo, a natureza, a vida da qual somos parte nos envolve em tudo no seu desígnio. Se nada fizermos, seremos levados, incluídos nos seus desdobramentos. Se quisermos ser protagonistas, podemos ser mais do que passageiros e atuar de forma individual e coletiva. O resultado será proporcional à nossa capacidade de interagir sobre a natureza da vida como ela é e para direcioná-la à construção de como gostaríamos que ela fosse.

Junior moveu a cabeça em sinal de aceitação. Estava ali por um conjunto de fatores, dentre os quais o destino desenhado, na manhã anterior, no encontro com aquela senhora.

- Pois bem - disse o Estrategista. - Vamos falar sobre o nosso método de trabalho. Vamos nos reunir de trinta em trinta dias aproximadamente. Avisarei sobre nossos encontros, escolherei o local e nossas reuniões terão em torno de duas horas. Eu farei contato para marcar. Esteja sempre disponível.

- Vamos praticar o que eu chamo de pensamento evolutivo. É uma forma de pensar, analisar e agir com base no conhecimento acumulado, pensamento e experiência. É um princípio baseado na teoria da evolução, a perpetuação do conhecimento renovado e replicado pela inovação. Este foi o meu processo de aprendizado. Vou transferir este modelo para você. Após adotá-lo, vai inovar sobre ele. É um princípio utilizado na busca da melhoria contínua. Identifica-se o mais eficiente em um mercado para depois analisar suas práticas, adotá-las, replicá-las e superá-las. Sua tarefa será assimilar minha forma de pensar, evoluindo sobre ela. Vou transferir a você tudo o que assimilei. Seu desafio será superar-se e me superar evolutivamente.

- Vamos ver se eu entendi - falou Junior ao Estrategista. – Eu devo assimilar o processo de pensamento evolutivo. Conhecer, pensar e agir agregando a ele minha experiência. Pensar melhor, agir melhor e viver melhor. Você será meu modelo, minha referência. Vou adotar seu método e tentar aprimorá-lo. Pelo pouco que conheço de você, será muito difícil, mas vou tentar superar você.

- Sim, Junior. Quando adotamos essa forma de pensar, nos tornamos facilitadores da mudança, o novo está sempre à espera de algo ou de alguém para fazê-lo avançar. O pensamento evolutivo é o caminho para a mudança. Sua dinâmica vai depender das fontes de conhecimento a serem utilizadas. Suas principais fontes serão nossos encontros, suas leituras e sua experiência. Vamos fazer raciocínios, analisar conteúdos e trocar experiências. Eventualmente, você terá que cumprir tarefas e outras missões entre os nossos encontros. Vou indicar leituras, que são muito importantes; é fundamental fazê-las simultaneamente aos nossos encontros para acelerar seu aprendizado. Se não for possível, inclua em sua bibliografia a realizar. Além dos livros indicados para você ler, vou citar outros: registre e inclua todos no seu Oráculo. Nossos contatos serão pessoalmente, nada será resolvido por telefone ou por internet, a não ser para marcar nossas reuniões. Não vamos determinar tempo para este trabalho, só iremos parar se você assim quiser.

O Estrategista, então, olhou fixamente para Junior e perguntou.

- Tem alguma dúvida?

Junior respondeu imediatamente:

- Não, está tudo claro para mim, estou de acordo e vou dar tudo de mim para que tudo transcorra bem. A senhora do metrô falou do seu livro como seu oráculo. Foi isso que me trouxe aqui. Diga-me o que é mesmo um oráculo?

- É difícil precisar a origem do oráculo como fonte de sabedoria e orientação espiritual. Podemos dizer que a ideia de oráculo tem origem na mitologia grega e na sabedoria milenar da China. Os gregos tinham-no como uma fonte de informações na forma de previsões ou adivinhações não acessíveis aos homens, somente à divindade. Era uma maneira de o homem superar suas limitações, procurando fazer uma conexão com os deuses, a fim de explicar o desconhecido e tentar antecipar o futuro. Para os gregos, o oráculo de Delfos foi reconhecido como orientador da vida quando o homem sentia insegurança ou carência de conhecimento para tomar decisões. Para os chineses, o I Ching - o Livro das Mutações - consistia-se no intérprete do universo, desvendando a realidade e o sentido mais profundo da existência. O I Ching desenvolveu um método de interpretação dos fenômenos naturais relacionados aos problemas humanos, estabelecendo uma ligação entre o agora e o universo de sempre.

- A partir dos discursos de Sócrates, revelados com o mais sábio dos homens e supostamente por um oráculo, o sentido de seu conteúdo mudou, para se tornar produto da introspecção e da revelação do conhecimento e da autonomia na busca da verdade. O oráculo como solução deixou de ser absoluto, suas respostas voltaram-se ao propósito das perguntas. O propósito ou a busca dele passaram a orientar a resposta; o oráculo deixou de ser um fim em si mesmo e passou a ser um caminho para a sabedoria, mediado pela inteligência humana. Conhece-te a ti mesmo e só então poderás conhecer algo além, pregava Sócrates. Este é o sentido de um oráculo: o princípio do autoconhecimento para acessar o conhecimento do mundo. O seu oráculo será o registro

da evolução do seu pensamento, a sua fonte de consultas para o conhecimento. Voltaremos a esse tema oportunamente, Junior.

- Um oráculo também pode ser entendido como um caminho para a revelação, a conexão entre o destino do universo e o protagonismo humano. Uma busca para o que não pode ser explicado, mas pode ser descoberto. O ponto de mutação no qual se cruzam o agir do livre arbítrio e o desígnio de tudo o que é maior e que está além das nossas possibilidades. O seu oráculo será o seu mundo - sentenciou O Estrategista. Fazê-lo maior só vai depender de você, Junior.

- É isso mesmo que eu estou procurando, afirmou Junior. Este será o meu propósito. Quero aprender a responder aos meus questionamentos, pensar com minhas ideias, tentar ser dono do meu destino. Este será um projeto para o autoconhecimento, o meu oráculo.

O Estrategista abriu um sorriso de satisfação.

- Excelente Junior, você tem um grande projeto a realizar! Agora vamos falar da preparação do nosso próximo encontro. Antes de tudo, Junior, diga-me: como são seus hábitos de leitura?

- Costumo ler um pouco de acordo com a necessidade para minha faculdade, para buscar informações úteis ao meu trabalho e um pouco como lazer. Na verdade, sou um leitor inconstante.

- Essa é uma deficiência a superar, Junior. Os nossos encontros serão uma fonte de informações para você, mas eles não serão o suficiente. Você precisará acessar conhecimentos, como prática permanente e voluntária. Além disso, enfatizou O Estrategista, conhecimento deve ser adquirido, não pode ser transferido. Eu não posso formar o seu pensamento, minha missão será conduzir você no processo de aprender a aprender. A sua missão será a de assimilar este processo. A leitura é o meio mais importante e eficaz de absorver informações, fazer raciocínios lógicos e estruturar modelos mentais para desenvolver seu pensamento estratégico.

- Então, Estrategista, a leitura será minha principal fonte de conhecimento, vou precisar mudar minha rotina e incluir a leitura como item permanente, como a necessidade quase fisiológica de comer e dormir - afirmou Junior.

- Sim, se você quer um Oráculo poderoso, saiba, desde logo, que ele não será só um livro. Será um guia para o pensamento, uma fonte de consulta para acessar outras fontes de consulta e, assim, sucessivamente. Cada nova descoberta o levará para outra investigação e assim, de modo indefinido, será um caminho aberto para o conhecimento e cujo limite será a sua curiosidade e a sua vontade de aprender.

- Além de suas conclusões, Junior, seu Oráculo terá todas as indicações de livros e de outras fontes de informação às quais você vai recorrer quando necessário, para refrescar sua memória ou para fazer releituras e rever conceitos. Toda nova informação deverá ser registrada. Se você não conseguir ler naquele momento, faça seu registro, voltando à sua leitura em outra oportunidade. Amplie, continuamente, sua fonte de conhecimento.

- Bem, Estrategista, reagiu Junior – Não corremos o risco de tentar uma busca sem fim? Tentar saber tudo e perder o foco?

- Não, Junior – Seja curioso para olhar tudo e seletivo para fixar-se no que for mais importante para o momento. O aprendizado vem em camadas. Você vai começar e depois vai crescer; não se preocupe com o nível a que chegará. Trate de avançar sem olhar para o fim, assim não vai se preocupar com o ponto aonde poderá chegar. Isto não significa tentar uma busca sem limites, como falei anteriormente, não vamos tentar decifrar o mundo. O nosso objetivo é formar uma base de conhecimento para fazer escolhas e tomar decisões. Nós saberemos quanto avançar e quando parar.

Junior ficava cada vez mais impressionado com a forma de se expressar e com o conteúdo dos raciocínios do Estrategista. Procurava anotar, de forma clara e objetiva, todo o diálogo entre ambos. A cada momento, aumentava sua certeza. Estava no caminho certo, percebia o enorme desafio à sua frente, mas não estava assustado. Pelo contrário, estava se fortalecendo mesmo naquele pouco tempo de conversa. Quanto mais avançava o diálogo, mais sua percepção se ampliava – tinha noção: estava ainda na superfície do conhecimento daquele homem. A cada frase, a cada explanação, um novo horizonte se abria, respostas geravam novas perguntas. O Estrategista parecia uma fonte inesgotável de informações. Uma satisfação imensa tomava conta de Junior. Pela primeira vez, estava sendo possuído pela descoberta do prazer incomparável do conhecimento.

O tempo ia passando. Perto do meio-dia, O Estrategista convidou Junior para almoçar e continuar a entrevista. Sobre uma mesa impecavelmente arrumada, uma toalha branca destacava o conjunto de talheres e um lindo prato com postas de salmão grelhado, legumes e arroz. Junior serviu-se e logo voltaram ao tema.

- Ainda falando sobre leitura, Junior, você tem algum método especial para ler?

Após perceber a negativa com a cabeça do seu visitante, O Estrategista seguiu sua linha de raciocínio:

– Para aprender com a leitura, principalmente quando se está buscando conhecimento, não basta apenas ler com os olhos, é necessário ler com a mente, isto é, penetrar no texto de forma a extrair dele todo o seu significado. Adoto um método de leitura em três tempos. Primeiro faço uma leitura panorâmica, um reconhecimento por assim dizer. Depois leio com calma e analiso parte por parte, faço anotações, resumo minhas conclusões pontuais, rabisco e assimilo gradativamente o texto. Por fim, repasso o texto, fazendo uma síntese e percebendo cada parte sem perder o contexto todo. Vou remontando tudo o que separei no segundo momento, junto tudo, faço um fechamento na mente e também escrevo o que considero essencial naquela obra. Para encerrar, faço um diagrama com os conceitos e palavras-chave para armazenar na memória.

- Entendi. Primeiro procuro o conceito geral, por que razão aquele livro ou texto foi escrito; depois analiso cada parte para entender seus argumentos principais e, no final, faço uma conclusão com a mensagem que o texto deixou. Lembro-me da sua explanação do início, ver a floresta, a árvore e tudo ao mesmo tempo. Sem entender o todo, as partes não fazem sentido. Você está me ensinando como fazer das minhas leituras uma fonte de conhecimento.

- Sim, Junior, você deve praticar. No começo, será cansativo; depois, natural. Para o nosso próximo encontro, vou indicar algumas leituras para enriquecer nosso trabalho. Leia e reflita sobre os conteúdos, anote aquilo que julgar essencial para falarmos, mas

atenção: procure transcrever as ideias para suas próprias palavras. Interprete os conceitos escritos e produza suas próprias definições.

- Nas nossas próximas reuniões vamos tratar apenas dos assuntos indicados nos livros por você? - questionou Junior.

- Em princípio, sim - respondeu O Estrategista. - Vamos pensar juntos sobre um conceito amplo ao qual cada um dos livros está relacionado. Porém, não nos limitaremos a eles. Nossos temas serão sempre abertos, não obedeceremos a limitações acadêmicas nem a formalidades. Vamos analisar, pensar e concluir livremente, sem nos obrigarmos a quaisquer formas pré-determinadas. Você também poderá sugerir leituras e temas para serem abordados, desde que não nos afaste do nosso foco principal.

O almoço havia terminado. Permaneceram sentados por mais alguns minutos e, depois, Junior foi convidado a caminhar juntamente com O Estrategista pelo jardim. A conversa continuava.

- Quantos livros você já leu, Junior?

- Alguns, contudo confesso que não sou um leitor assíduo.

- Bem, vamos mudar isso. A partir de agora, a leitura será um ato de conhecimento, aventura e imaginação. Também atuará sobre as emoções. É um hábito que nos faz humanos por excelência. Você é, em boa parte, produto do que você lê. O processo civilizatório da humanidade foi passado de mão em mão pela escrita e pela leitura de todos os atos, fatos e descobertas. A leitura sistemática nos inclui nesta corrente cultural, formada pela base da inteligência do homem. É como ficar ao lado de uma esteira rolante. A esteira anda como a cultura, se você não lê, apenas assiste à esteira andar. Lendo regularmente você se coloca sobre a esteira e anda com ela. Se você lê sistematicamente e aprende seus conteúdos, pode não só andar sobre a esteira como também avançar. Portanto, tome para você a diferença entre o homem e o homem que lê.

- Para começar, Junior, leia *Do Contrato Social*, de Jean Jaques Rousseau, e *Ética a Nicômacos*, de Aristóteles. Desejo uma ótima leitura! Até o nosso próximo encontro.

Junior agradeceu, olhou seu caderno de anotações e despediu-se do Estrategista. Entrou no seu carro e tomou a estrada de volta. Andou em silêncio e ainda atordoado com todos os acontecimentos dos últimos dois dias. Parecia que dez anos se passaram, tal era a mudança em curso naquele momento. Definitivamente, sua vida não seria a mesma, já sentia ser outra pessoa. Incrivelmente, em tão pouco tempo de conversa, tudo sua perspectiva estava se modificando. O que viria pela frente? Estava apenas começando... como seriam os próximos passos? Com certeza precisava preparar-se para grandes descobertas, mal podia esperar pelo próximo encontro.

Seguiu pela estrada levado pelos pensamentos e, rapidamente, chegou ao destino: sua casa. Começou a cantarolar uma velha canção, parou, sacudiu a cabeça, estava feliz, não se lembrava de quando se sentira assim pela última vez.

III - O CONTRATO POSSO CONSTRUIR MEU MUNDO?

Passaram-se, rapidamente, os trinta dias e Junior estava no trabalho, aguardava o momento pelo contato do Estrategista. Não precisou esperar muito. Recebeu uma mensagem marcando uma reunião para a noite daquele dia. Respondeu à mensagem e confirmou o convite. Olhou o relógio e, como passava um pouco das três da tarde, pensou no planejamento do seu tempo até às 20 horas, horário marcado para o encontro na Faculdade de Filosofia como indicava a mensagem.

Junior chegou ao local combinado, entrou no prédio principal e procurou pela sala 304. Ao entrar na sala, acendeu a luz, sentou-se e ficou aguardando. Olhou o relógio que estava um pouco adiantado. Passaram-se alguns minutos até a chegada de O Estrategista. Para sua surpresa, ele estava acompanhado da senhora com quem ele havia conversado no metrô – Assunção.

- Boa noite, Junior. Desculpe pelo pequeno atraso, foi o trânsito. Como você vê, estou com alguém que você já conhece, mas vou apresentá-los formalmente. Esta é Assunção e ela vai acompanhar nossa reunião. A seguir vou explicar a razão da sua presença.

Junior dirigiu-se à Assunção.

- Muito prazer em vê-la novamente. Desculpe não ter gravado o seu nome quando falamos no metrô, foi tudo muito rápido. Agora sei que estou aqui porque você me escolheu. Agradeço por sua indicação; estou muito motivado para este projeto.

Assunção retribuiu com um aperto de mão acompanhado de um simpático sorriso.

- Não há o que agradecer - respondeu ela. Você se incluiu no processo de escolha! Se não tivesse se aproximado de mim, no metrô, não estaríamos aqui. Também estou feliz por ver você aqui, Junior. Feliz por você ter aceitado o desafio pela busca do conhecimento. Foi uma decisão inteligente e madura.

- Vamos ao trabalho - exclamou O Estrategista, convidando-os a sentarem à sua frente. Juntos, formaram um triângulo com as escrivaninhas usadas por estudantes naquela sala de aula. Vamos tratar do tema da sua leitura, Junior. Espero que tenha aprofundado ao máximo possível seu entendimento sobre os textos. Vamos começar por Rousseau.

- Bem - iniciou O Estrategista - nosso encontro de hoje, aqui na Faculdade de Filosofia, tem por objetivo falarmos sobre o contrato social e, em particular, do nosso contrato de trabalho e das nossas responsabilidades e tarefas propriamente ditas. Um contrato não é apenas um pedaço de papel com promessas e compromissos das partes envolvidas; é, antes de tudo, uma expressão das vontades que o produzem. Um pacto de vontades livres forma um espaço de mediação nas relações sociais e econômicas entre os homens. Antes do contrato, nossa liberdade é vazia, pois não desfrutamos de direitos e não assumimos deveres. O pacto entre as vontades concretiza nossa liberdade e nos faz cidadãos com a troca da liberdade natural pela liberdade social mediada pelos direitos e garantias fundamentais à cidadania.

Junior interrompeu.

- No livro que você me indicou para leitura, Rousseau fala que é necessário uma ordem social para organizar a vida, ou seja, um acordo. É isso que chama de contrato social?

- Sim, Junior. Rousseau era filósofo e também cientista social. Foi ele quem deu corpo ao moderno contrato em seus desdobramentos na formulação de um pacto social para a mediação dos interesses entre os homens. Não há dúvidas de que a maior invenção para o avanço da sociabilização do homem foi o contrato formatado por Rousseau, entre outros pensadores, como um pacto universal para a sociedade. Toda a organização social, econômica e política a qual conhecemos foi possível através da consolidação do contrato com a fundamentação do estado, dando origem aos países, às leis, aos governos, ao regime de propriedade, ao sistema econômico-financeiro e a toda organização da nossa sociedade.

- O enfoque abordado aqui não tem uma finalidade ideológica ou política. Aliás, nem vamos entrar nesse tema. Para o nosso projeto, vamos tratar o estado como uma visão de mundo, o mundo que queremos construir. O enunciado filosófico do contrato idealizou a realização de um consenso para pôr fim ao estado natural e fundar o estado social, com a criação de um ente soberano e de um governo no exercício do seu poder. É a natureza sendo substituída, em sua essência, da força do mais forte, pela racionalização da força bruta no poder mediado por leis, no equilíbrio entre deveres e direitos. Resumidamente, o contrato social é a concretização da liberdade. Sem ele, a liberdade é uma ilusão: todos a têm, mas ninguém a possui.

- Então, Estrategista, a sociedade propriamente dita começa com a instituição do contrato! – exclamou Junior.

- Sim, Junior. O contrato funda a sociedade e estrutura as relações entre as pessoas e as instituições. O contrato também é o instrumento de mudança, orientado pelo consenso para transformar a realidade social. A primeira unidade social é a família, derivada da função biológica do homem de procriar e de proteger sua prole para que sobreviva. Quando os filhos crescem, os laços de fraternidade terminam gradativamente e, por isso, torna-se necessário criar uma nova estrutura de relacionamento para manter os homens em convívio social de forma voluntária ou compulsória. Para substituir os laços de família, surge a necessidade de laços sociais, fundamentados em um pacto de convivência. O ideal de um mundo civilizado é o objeto do contrato, fundamentado nos princípios éticos, deveres e direitos.

- Nos primórdios, quando o contrato ainda não tinha sido descoberto como uma lei da ciência social e política, valia puramente a lei do mais forte sem mediação alguma. O homem era vítima do próprio homem, temido pelo seu próximo mais do que os animais mais selvagens. Não havia proteção alguma para ninguém; o vencedor do duelo de hoje poderia ser a vítima amanhã. O contrato social foi o maior avanço social do homem moderno, um verdadeiro salto da barbárie para a cidadania.

- Derivado de sua implementação, fazemos todos os demais contratos de estruturação da vida em sociedade. O contrato é um acordo firmado para criar uma nova realidade pensada com a razão e com a inteligência dos homens. Não importa onde e quando ele acontece, sua amplitude territorial nem o número de indivíduos envolvidos. O contrato expressa um pacto de relacionamento, as regras e as condições de um negócio ou, simplesmente, uma declaração de princípios de uma conduta a ser seguida em certa

corporação. Rousseau pensou o contrato como produto da vontade geral, ou seja, a minha vontade mediada por sua vontade e submetida à vontade de todos os demais.

Junior questionou:

– A vontade geral - sempre lembrada por Rousseau - é o princípio da democracia?

- É o princípio da democracia e também de qualquer modelo de convivência que se possa desejar, pois nem todas as democracias são iguais. Cada povo e cada comunidade podem pactuar seus princípios democráticos e suas práticas de convivência. Assim pensado, um contrato permite a elaboração da criatividade e sua aplicação objetiva, em qualquer campo da atividade humana, desde que sujeita à subordinação das vontades de todos. O contrato garante o nosso modo de vida, as instituições e todos os níveis e relacionamentos. O pacto faz o contrato; o contrato produz a democracia. A democracia do contrato estruturou o mundo na ordem que conhecemos, fundamentou e garantiu a liberdade - uma conquista da civilização. Foi um longo caminho para a humanidade superar a ditadura dos genes, por isso não se pode permitir a ditadura dos homens. Quando a democracia falha, falha para todos, justamente porque é um sistema de amplo equilíbrio na mediação entre os interesses individuais e coletivos, capaz de controlar nossos instintos egoístas e de promover nosso potencial altruísta para a cooperação.

- Posso interromper novamente? – perguntou Junior, temendo cortar a explanação do Estrategista. – Normalmente, um contrato tem um tempo definido para a sua duração. Como funciona com o contrato social?

- Nenhum contrato é definitivo no tempo, precisa estar aberto para a vida em movimento, sujeito a emendas e a novos pactos, sintetizando o modo de pensar e de viver dos envolvidos na mesma medida da evolução do pensamento e das vontades. Seu tempo, em se tratando de um pacto social para a sociedade, deve ser indefinido e revisto sempre que a realidade assim o exigir. O contrato pode criar um estado e também um mundo em se tratando de relações econômicas, sociais e interpessoais. Neste sentido, o contrato é o caminho para o mundo que queremos construir, é um espaço aberto para nossas realizações, formação de famílias, empresas, elaboração de projetos e tudo o mais que nos permita associar nossas vontades a novos empreendimentos.

- O contrato foi uma invenção da inteligência do homem moderno para fundar uma nova ordem e dar um sentido universal entre três mundos primordialmente separados para o homem primitivo: o mundo natural, o mundo dos instintos e emoções e o mundo da razão. A predominância deste último sobre os demais permitiu o avanço da civilização com a superação dos conflitos do homem pela sobrevivência. Ao nos reunirmos em torno de um pacto de convivência, evoluímos além do sentido biológico, passamos a nos comportar como seres sociais, plenamente capazes de entender nossos conflitos e administrá-los. O contrato, a fim de ser um mecanismo evolucionário, deve ter uma intencionalidade, um objetivo e até uma utopia sempre em busca de algo superior do ponto de vista das relações humanas e do bem estar da sociedade.

- Então, Estrategista, o contrato pode mudar as nossas vidas e a da sociedade como um todo?

- Na forma como estamos abordando este conceito de contrato, criamos um instrumento de transformação da sociedade e uma ferramenta para ser usada para sustentar nossos projetos de vida. Não vamos, somente, tentar aprender mais, buscar conhecimento,

decidir o melhor para as nossas vidas, ter sucesso e alcançar a felicidade. Vamos estabelecer um propósito, tentar ampliar esses princípios para o maior número de pessoas possível e repercutir os resultados do nosso esforço da forma mais abrangente que conseguirmos. Assim, o nosso esforço terá um sentido ilimitado; o nosso contrato, uma finalidade evolutiva para o bem do homem. Se assim o fizermos, estaremos contribuindo para concretizar o maior sonho do ser humano: realizar-se como indivíduo e como coletividade. Parece impossível - como todo sonho -, mas, como todo sonho, vale a pena tentar realizá-lo.

- Certamente! Então, Estrategista, você está propondo que o nosso projeto comece pela definição de um contrato diferenciado e útil para a sociedade?

- Em outras palavras, Junior, nosso projeto não será avaliado apenas pelo nosso sucesso e pelo resultado monetário. Vamos trabalhar para o seu projeto de mundo enquanto trabalhamos também para o nosso grande projeto de mundo, a partir da constituição do nosso contrato. Ao longo da história econômica, nos acostumamos a medir tudo por índices e cifras, de acordo com a dinamização do mercado e do capitalismo. Vamos tentar influenciar nesse processo ao introduzirmos um novo elemento nas relações econômicas na busca de maior sustentabilidade dos mecanismos de troca. Vamos tentar deixar esse legado para a sociedade, à proporção que aprendemos como melhorar nosso desempenho pessoal na busca dos nossos objetivos. Nosso desafio será buscar o sucesso de forma compartilhada com o sucesso dos demais que participam direta e indiretamente do nosso contrato social, tanto no que diz respeito ao acúmulo de conhecimento, quanto ao desenvolvimento econômico e social.

- Estrategista! – manifestou-se Junior. - Você acredita, realmente, que podemos fazer a diferença neste mundo com a nossa atuação?

- Sim, eu acredito. Quando nos perguntamos se é possível construir um mundo diferente, do jeito que gostaríamos, a resposta começa com uma nova pergunta. Se estivermos dispostos a nos comprometer com um projeto de mundo desejado, então, sim, é possível. E, a partir do modelo de contrato social, somos parte de um todo, logo podemos agir para transformar primeiro a parte que nos toca e depois ampliar a mudança para os outros que se relacionam conosco. Assim, influenciamos no processo da totalidade. A realidade não existe como um elemento isolado, visto que deve ser compreendida como um processo, do mesmo jeito que o conhecimento não nasce de um pensamento único. Quando penetramos no processo em movimento da realidade e do conhecimento, passamos a interagir. Se apenas seguirmos o fluxo, estaremos aumentando sua densidade; se, todavia, conseguirmos acrescentar algo de novo, modificaremos o seu curso.

- Você está dizendo que há uma diferença entre participar da realidade e tentar influir no seu destino? - observou Junior.

- Sim, Junior, é o meu pensamento. Ao pretendermos fazer a diferença, é necessário atuarmos sobre a realidade e não apenas integrá-la. Nossos projetos foram concebidos com este propósito e o contrato é a configuração fundamental para o nosso trabalho. O contrato é uma célula de formatação e propagação de comportamentos. Tomando a natureza como modelo, seguindo os passos da evolução biológica, o contrato é um replicador social que se aprimora para manter o sistema social em funcionamento. Quando impregnamos uma célula do sistema com novos modelos e ideias, estamos injetando uma espécie de vírus de renovação. Assim, ao fazermos contratos mais

elaborados e evoluídos social e economicamente, estamos modificando as tendências estabelecidas para as novas gerações.

- Agora, vamos passar para o livro de Aristóteles para ampliar nosso entendimento no que tange ao alcance do contrato social. Em *Ética a Nicômacos*, ele escreveu sobre ética e dedicou como herança ao seu filho Nicômacos todo o seu conhecimento adquirido na busca do caminho do bem supremo para o homem. Para ele, o conhecimento só tem um sentido, o bem como fim último, a ser construído com meios éticos. Este é o caminho da virtude do homem para a sociedade. Ele conclui o livro indagando sobre qual a espécie de constituição seria melhor para administrar a cidade e a sociedade que a habita. Aristóteles queria deixar como legado ensinamentos para seu filho e para os demais, acreditando, assim, que estaria contribuindo para um mundo melhor para as novas gerações de sua época. Já falava, portanto, sobre uma forma de contrato social para administrar eticamente os homens. Assim como ele, Junior, eu estou tentando passar o meu legado a você. Juntos, nós levaremos nosso conhecimento às próximas gerações.

- Pelo que entendi no livro, Aristóteles escreveu várias obras sobre ética, dentre as quais se destaca esta dedicada ao filho. Sua preocupação foi identificar e buscar as coisas que são boas para o bem supremo do homem, inclusive o seu bem supremo: a felicidade. Está de acordo com meu entendimento, Estrategista?

- Exatamente, Junior. Para ele, a felicidade é o bem mais elevado se a entendermos como uma forma de contemplação, que começa com o cidadão e termina no convívio com a sociedade. Ninguém pode ser feliz sozinho, é uma impossibilidade cultural e social. O bem social é um bem coletivo, cabendo a nós participar do seu corpo e ser homogêneo com ele. Se formos estranhos a ele, seremos excluídos ou iremos perecer por ausência de sua convivência.

- Para esclarecermos o que é o bem social para o homem, precisamos entender os conceitos de moral e ética na mediação da vida em sociedade. Ambas buscam a mesma coisa: a melhor forma de convivência social. A moral trata dos costumes, dos hábitos e da prática de valores culturais que vão constituindo um padrão vigente reconhecido por determinado grupo social. É tudo que nos foi ensinado pelos nossos pais e o que estes aprenderam dos seus, para viver em família e em comunidade. São os nossos valores herdados como postulados fundamentais e que formam nosso aprendizado básico de civilidade.

- A ética também trata das questões do modo de ser na natureza da ação humana, de como lidar com as situações cotidianas da vida, incorporando os valores tradicionais e adaptando-os à realidade contemporânea. A ética comporta opções de escolhas com liberdade compartilhada diante da realidade presente e dos desafios do futuro. Um diálogo com tudo que nos cerca, uma vida responsável como resultado de nossas escolhas. A ética nos inclui na formação dos valores, nos torna responsáveis e permite a prática do livre arbítrio no contexto da vida diária.

- A moral olha para a vida como ela foi, para, segundo a nossa cultura, tentar manter o presente tal e qual foi o passado. A ética trata da mediação entre tudo que foi, a realidade como ela é e o que pode ser o futuro, a partir do nosso comportamento presente. A moral é um código que respeita, replica e responde à tradição e aos valores culturais, enquanto que a ética se concretiza em um pacto na forma de um contrato, que é capaz de responder às necessidades de relacionamentos conforme a realidade do momento e o futuro que a sociedade deseja construir, com suas regras definidas e

compartilhadas democraticamente. A moral conserva; a ética adapta. A moral é conservadora; a ética, reformista.

- Os valores morais são adquiridos de outros, de nossos antepassados independentemente da nossa participação, enquanto que a ética depende também de nós, da nossa prática e do comprometimento? - questionou Junior.

- Tudo que é moral já está estabelecido, de maneira prévia, por regras assimiladas em comportamentos socialmente consolidados. Entretanto, isso tudo pode ser questionado eticamente diante de uma situação nova ainda não experimentada. As novas tecnologias, a internet e o avanço da ciência são exemplos de situações geradoras de dilemas éticos, questionando valores morais até então intocáveis. Os direitos das minorias e todas as questões de comportamentos fora dos padrões tradicionais representam desafios éticos. Dilemas éticos são próprios da evolução social, representando a capacidade da sociedade de se reinventar e de avançar sobre sua base moral a partir da reflexão sobre a validade dos valores adquiridos como resposta aos novos problemas gerados pelo seu evoluir.

- Aristóteles falava sobre o agir do homem como animal social. Todo propósito leva a um fim que necessita dos seus meios, que clama por um agir. Nos meios usados para atingir este fim é onde se expressa a ética do fazer. Há sempre uma tarefa do bem a preservar para fazer o melhor e evitar o pior. A ética é vista, aqui, como uma construção sempre em movimento no sentido do bem maior, um espaço aberto para o entendimento entre as partes, a negociação e a democracia. Assim, podemos ver a ética não só como meio para alcançarmos um bem, mas também como um fim em si mesmo, sem o qual não se pode chegar a lugar algum - eticamente falando. Colocada como fim antes de meio, a ética é a fundamentação moral do contrato, ponto de partida para as regras a serem pactuadas por todos. Dessa forma, há sempre um momento de convergência entre moral e ética, um lugar onde o bastão da moral é entregue para a condução da ética, com a missão de consolidar novos valores a serem agregados na evolução da civilização. Nesta perspectiva, o comportamento moral e ético são faces de uma mesma moeda de valor e troca de valores praticados no correr dos tempos pela humanidade. Ambas necessitam uma da outra para cumprirem suas finalidades na construção do patrimônio social da sociedade humana.

- Não pode, então, haver contrato sem ética e tampouco ética sem um contrato que a materialize concretamente para ser um espelho e um guia das relações sociais. Todo convívio - seja de duas pessoas, famílias, pequenos ou grandes grupos sociais - precisa de regras claras, deveres e direitos estabelecidos, pactuados e assumidos de forma explícita, com práticas transparentes em toda a sua extensão. Assim deve ser uma constituição, o nosso contrato maior com sua amplitude e profundidade capaz de conter todo o corpo social sem exceções. Cada vez mais a sociedade amplia seus conhecimentos e horizontes de relacionamento. Vivemos a era das relações abertas, da sociedade expandida culturalmente, em busca de uma democracia capaz de assimilar toda nossa complexidade. A resposta a este desafio virá de um contrato social aberto e flexível. Ele será rígido o suficiente para manter e guardar toda a nossa experiência como espécie, mas também flexível para absorver e assimilar os impactos do novo, adaptando-se, interagindo e atuando na missão de nos manter consorciados em um mesmo projeto de humanidade.

- Entendi, Estrategista. O contrato é um regramento de processos o qual envolve nossas ações, nossos compromissos com deveres e direitos e o qual considera uma perspectiva

ética, um bem maior comum a todos. Define a cidadania e o estado como entes do corpo social regrando a relação entre ambos.

- Portanto, Junior, o contrato concebido como um modelo de repetição e evolução pode, sim, ser o princípio de um novo mundo. Tal mundo pode começar a ser construído a partir de nós mesmos, das nossas relações sociais e econômicas, das nossas empresas e instituições. Cada célula social é parte do organismo do corpo social que a constitui. Se acreditarmos nessa premissa, poderemos modificar as coisas, desde que saibamos entendê-las primordialmente. A partir da sua lógica de sobrevivência, fundaremos novos modelos, replicando sua existência. Este é o sentido apropriado ao contrato, um pacto pela evolução das relações e sistemas de sustentação da vida entre os homens. Por isso, nosso contrato deve ser considerado o ponto de partida para o nosso projeto. Sem ele estaremos sem sustentação e sem direção. Nosso contrato será a base do nosso relacionamento, assimilando os ensinamentos morais que herdamos, agregando uma prática ética nos meios que empregamos. Desse jeito, sua estrutura será garantia da continuidade do nosso projeto.

- Está muito claro, concluiu Junior, nosso contrato tem os elementos essenciais para uma visão de mundo compartilhada. Cada um sabendo o seu lugar, sua missão e sua forma de agir. Assim, nos sentiremos seguros e confiantes para atuarmos e sermos protagonistas do nosso próprio mundo. Aliás, é o mesmo mundo que já existia, mas que passamos a reconhecer como nosso a partir do momento que descobrimos o nosso lugar, o significado que podemos ter em relação a ele e o sentido que ele passa a ter para nós.

- Excelente conclusão! Deixe-me explicar a importante presença de Assunção. Ela está aqui para ser testemunha do nosso contrato, ela irá acompanhar todas as etapas do nosso trabalho e poderá participar dele, se necessário, ou mesmo colaborar em algumas atividades. Ela também fez o seu próprio contrato ao iniciar seu projeto e tem cumprido integralmente com suas responsabilidades. Ela poderá aconselhar você quando assim o desejar, pois já vivenciou muitas etapas a serem percorridas por você. Ademais, todos os assuntos serão tratados com toda liberdade entre nós, não haverá segredos.

- Quero aproveitar para agradecer, mais uma vez, à Assunção - disse Junior. Estar aqui é cada vez mais importante. Espero retribuir tudo o que estou recebendo de vocês.

- Vamos avançar, disse O estrategista. Um dos aspectos essenciais para a formatação do contrato é o seu fundamento econômico. Ele será a variável inovadora do nosso contrato. A economia deriva da necessidade de trocas entre os homens para satisfazer sua necessidade. Sem as trocas, não haveria mercado, nem dinheiro, nem propriedade. Tudo começa com as trocas e termina no dinheiro. Vamos tentar evoluir e superar o modelo mercantilista que herdamos no processo de troca na relação dinheiro e mercadoria, buscando alternativas para alterar a coisificação de tudo pelo valor monetário.

- Sabemos que o dinheiro é volátil, pode ser acumulado e consumido com a mesma intensidade, portanto sua posse é sempre incerta. Quem não tem nada está correndo atrás; quem tem muito está sempre correndo para mantê-lo. Precisamos encontrar um novo valor para a função de troca desempenhada pela moeda, algo mais valioso e absoluto para o homem em uma relação de valor com a sua existência. De fato, vamos dar uma nova função à moeda: o tempo. Vamos trocar tempos de vida como valor agregado a tudo que fazemos e produzimos.

- Realmente nunca havia pensado dessa forma, Estrategista. O meu tempo, como uma moeda cujo valor é a duração da minha vida - falou Junior.

- É assim, Junior. O tempo que vivemos e o ar que respiramos são tão naturais que não nos damos conta da sua importância estratégica. Quando pensamos no tempo disponível para vivermos, nos deparamos com uma igualdade absoluta. Ninguém sabe quanto tempo irá viver e não há dinheiro que possa revelar essa imprevisão, pois o tempo de vida não pode ser recuperado com dinheiro. Neste sentido, salvo exceções derivadas de problemas de saúde imprevisíveis, todos nós nascemos com o mesmo estoque de tempo para gastarmos no consumo da vida. E mais: esse estoque não pode ser aumentado substancialmente pela nossa capacidade financeira.

- Considerando nosso estoque de tempo como nosso maior patrimônio, poderíamos afirmar que ele é nossa maior fonte de riqueza, nosso bem mais valioso, incomparavelmente maior do que qualquer dinheiro. A forma escolhida para gastar nosso estoque de tempo depende de nossas escolhas. Podemos vendê-lo em forma de trabalho, investi-lo em um empreendimento, dispô-lo para assumir riscos, dedicá-lo a desenvolver ideias, concentrar nossas atividades em uma profissão e muitas outras atividades. Se não fizermos nada, ficaremos parados, deixando a vida passar e o nosso tempo se esgotar gradativa e inexoravelmente.

- Portanto, o tempo disponível para vivermos é o nosso maior ativo, insubstituível e impossível de ser renovado tal como outros recursos naturais. Por tudo isso, devemos buscar sempre as melhores alternativas para consumi-lo e fazê-lo render mais do que o dinheiro. Nesse prisma, podemos dizer que somente uma coisa pode ser comparada ao nosso tempo para uma troca equilibrada: outro tempo igual ao nosso. Quando você troca o tempo com alguém, você continua com o seu e passa a compartilhar do tempo de outro em uma troca de tempos de vida. Quando você troca o tempo com outra pessoa, você aprende também a valorizar mais o seu, e por consequência, o da pessoa com quem você o está trocando. É um processo de troca de tempo real, em valor absoluto.

- Se estou entendendo bem, Estrategista, o meu tempo é meu ativo de vida e estou sempre trocando este tempo por alguma coisa. Devo usar parte do meu tempo para trocar com outras pessoas ao invés de dispô-lo somente por coisas expressas por dinheiro?

- Nossa existência não pode ser medida apenas por valores monetários, para não virarmos puras mercadorias. Esta não é uma ideia nova. Se pensarmos um pouco, já agimos dessa maneira nas nossas relações ao criarmos nossos núcleos familiares. Os pais cuidam dos filhos e depois os filhos cuidam dos pais. Em algumas culturas e comunidades, a história registra o exemplo de trabalho compartilhado em tarefas como construções de moradias e outras atividades. É uma forma de troca de tempo que, até hoje, é praticada em algumas comunidades fechadas. A novidade que queremos desenvolver é tornar tal iniciativa uma regra de troca intensa como é o mercado de um modo geral. Podemos aplicá-la no nosso projeto de hoje, Junior, como já estamos fazendo há algum tempo em outros grupos.

- Já existem algumas experiências semelhantes sendo praticadas, mas o nosso modelo tem inovações importantes a serem compartilhadas. Estamos criando uma nova relação entre capital, tempo e trabalho. Um modelo social sem domínio de uma ideologia a determinar sua prática. Precisamos superar os modelos tradicionais de divisão entre capital e trabalho. Só faremos isso se encontrarmos uma função para a moeda que não

seja só o valor do dinheiro, mas sua utilidade de vida para as pessoas que passarão a usá-la mais como meio de vida do que como valor de troca.

- Assunção já está atuando neste modelo juntamente com outras pessoas e estamos avançando gradativamente para a criação de um sistema de trabalho baseado na troca e compartilhamento do tempo. Nossos ativos de tempo nos permitirão, em breve, a criação de um banco de estoque de tempo para troca e compartilhamento. Se tivermos êxito, vamos avançar para a implantação de uma bolsa de valores temporais em âmbito internacional. Este modelo poderá equilibrar movimentos migratórios e demandas por trabalho em regiões de população madura ou em declínio. Com esta estratégia, estaremos desenvolvendo uma nova ordem para a tradicional especialização e divisão do trabalho e também criando uma nova moeda social.

- Agora podemos falar sobre a sua preocupação com o pagamento do meu trabalho. Deixe-me explicar como faço com meus clientes. Não tenho preço fixo, se tivesse meu trabalho seria como qualquer produto pago uniformemente pelos compradores. Na minha atividade, procuro estabelecer um valor. O valor é sempre uma dimensão entre as expectativas das duas partes, fornecedor e cliente. Cada caso é um caso, dependendo da empresa, do volume dos negócios, do tamanho do trabalho e o resultado esperado. Isto se aplica também às pessoas e aos seus interesses envolvidos. Portanto, a primeira parte do meu preço vem da dimensão do projeto do cliente. A segunda parte é uma relação direta com o meu tempo empregado naquela atividade. O tempo é o meu patrimônio mais valioso, é uma reserva de vida irrecuperável. Por isso, valorizo muito onde o aplico. A soma dos dois vai resultar no valor a ser pago.

- Então - comentou Junior - uma parte do seu valor é medido pelo seu tempo dedicado à tarefa e a outra depende da dimensão do projeto e da característica do cliente? Devem ser valores altos... e quando o cliente não tem recursos suficientes para pagar o seu valor? Como fica? Acho que este vai ser o meu caso.

- Até hoje sempre encontramos formas de compor o pagamento. Parte dele eu recebo em dinheiro; parte, em tempo. Quem me procura já vem com referências suficientes para saber quanto pagar. Você faz parte do nosso projeto especial. Você está aqui para agregar valor à sua vida, aos relacionamentos e aos negócios. Como você não tem dinheiro disponível, vamos estabelecer uma relação de troca de valor total do meu trabalho. O valor do meu tempo envolvido no seu projeto vai se transformar em valor agregado a você no transcorrer do nosso processo. Vamos trocar meu tempo de hoje com o seu tempo futuro. Você vai ficar me devendo todo o tempo empregado por mim no seu projeto e eu irei escolher como e quando utilizar seu tempo no futuro. Assim, ambos estaremos apostando no resultado do projeto. O tempo que irei receber de volta será tanto mais valioso quanto mais você puder agregar de conhecimento e de crescimento pessoal. Quando apostamos na troca de tempo futuro, não fazemos ideia sobre a natureza, valor ou especialidade do tempo a ser recebido. É um incentivo no tempo de outra pessoa, passamos a ser parceiros do seu sucesso, aliados do seu crescimento. Que tal esta proposta?

- Bem - respondeu Junior - vamos ver se eu entendi. – Você vai investir seu tempo para me ensinar e eu vou devolver esse mesmo tempo para você quando e como você decidir. Se eu não evoluir no projeto, o meu tempo vai valer muito pouco para você, terei pouco a devolver. Entretanto, se eu tiver sucesso, alcançar meus objetivos e ganhar dinheiro, o meu tempo vai valer muito para mim e o seu crédito terá, então, maior valor. Você vai fazer uma aposta em mim e eu farei o melhor que puder, tentarei alcançar o máximo,

pois, assim, ambos sairemos ganhando. Nossa moeda de troca será o tempo. Parece justo. Negócio fechado.

- Ótimo - afirmou o Estrategista. - Veja um exemplo dessa troca. A Assunção está começando a devolver o tempo do seu contrato comigo como parte do nosso grande projeto. Uma parte desse tempo foi dedicada à escolha de alguém para trabalhar comigo, aí entrou você na história, Junior. Ela escolheu você. A qualidade dessa escolha vai ser agora avaliada no seu projeto. Você, agora, é parte deste projeto maior.

- Este grande projeto a que me refiro está sendo desenvolvido com a missão de estabelecer uma nova ordem de relacionamentos com base nos princípios do avanço do conhecimento, da ética, da transparência, da equidade, da inovação e do equilíbrio social e econômico. Sua concepção tem certa dose de utopia do ponto de vista do seu propósito, mas esta orientação não se constitui em uma postura ingênua; antes é uma variável intencional. Não se pode construir algo novo sem ousar estabelecer novos paradigmas. Criamos uma entidade para coordenar todas as ações do projeto. Sua razão social é Organização Nova Ordem – ONO. A Assunção é a sua presidente executiva e eu sou o presidente do conselho. Ela funciona como se fosse uma cooperativa, porém com algumas diferenças. Os associados que chamamos de parceiros contribuem com parte do seu tempo para a organização. Não há dinheiro envolvido entre eles. Podemos considerá-los como uma célula inicial a ser multiplicada como modelo para outras organizações. Nosso objetivo é disseminar essa nova ordem no mundo.

-É um projeto aberto em forma de rede e de articulação descentralizada para poder crescer sem limitações e gargalos de gestão. Não tem fins lucrativos nem donos; sua liderança é compartilhada. Não há qualquer tipo de remuneração para os líderes coordenadores, apenas para o pessoal operacional envolvido nas rotinas da organização. Eles também têm parte dos ganhos pagos com troca de tempo. Todo o resultado obtido com as ações do projeto é reinvestido na expansão da organização. Em resumo, esta é a nossa proposta. Portanto, você não estará sozinho nesta caminhada. A partir do nosso contrato, você fará parte deste grande movimento. É um projeto aberto, que agrega conhecimentos e relacionamentos e que se expande para diversos setores da atividade humana. Com o andamento do nosso trabalho, você saberá mais sobre todo este processo.

- Agora está claro! - exclamou Junior. - O meu projeto, como parte de um projeto maior, tudo tem a ver com tudo. Ela me descobriu e foi ao meu encontro. Tudo faz sentido, estou satisfeito.

- Veja, Junior. Assunção é uma grande empresária que também já passou por momentos difíceis quando iniciou seu projeto. Agora ela está aqui, devolvendo seu valioso tempo. Se ela fosse pensar somente em dinheiro, não estaria aqui e, sim, cuidando dos milhões que acumulou. Ela aprendeu a consumir seu tempo da forma mais valiosa possível, nosso projeto tem este significado. Também utilizou seu aprendizado para alcançar o sucesso nos seus negócios. Mas não trabalhamos somente para ganhar dinheiro, gostamos de ganhar bem, ter dinheiro é bom e não faz mal algum quando bem utilizado. Mas dinheiro não é tudo, ele só paga o que pode ser comprado, para todo o resto ele é completamente inútil, em especial no que diz respeito ao tempo.

- Voltando ao tempo a ser investido em você, Junior, parte dele será usada por mim pessoalmente. O restante será aplicado em trabalho neste grande projeto, na ampliação das relações e do conhecimento e no desenvolvimento para outras pessoas.

- Nosso contrato é objetivo, com apenas cinco cláusulas. Na primeira, conforme acabamos de definir, não haverá envolvimento de dinheiro; vamos trabalhar no regime de troca de tempo.

- Na segunda, estabelecemos que o nosso primeiro encontro diz respeito ao processo a ser utilizado para agregarmos conhecimento. Envolve também: comparecer aos nossos encontros e fazer as leituras na busca de informação, sempre pensando e agindo no processo que eu chamo de pensamento evolutivo.

- A terceira diz respeito às nossas vontades. Estamos aqui por nossa iniciativa e permaneceremos trabalhando juntos enquanto desejarmos. Será um contrato aberto sempre sujeito a revisões, porém sempre de comum acordo.

- A quarta está relacionada ao conhecimento adquirido, ele não será de sua propriedade exclusiva. Você vai ter que disseminá-lo para outras pessoas, contribuindo para o sucesso do nosso projeto maior, a exemplo do que Assunção fez ao escolher você para fazer parte deste movimento por uma nova ordem de relacionamentos.

- A quinta cria um comitê de acompanhamento e de referência ética para o desenvolvimento do nosso trabalho, formado por nós três. Dúvidas, conflitos ou avaliações de conduta serão feitos por nós em conjunto.

- Você está de acordo com todas as cláusulas? - perguntou O Estrategista, olhando fixamente para Junior.

Junior respondeu prontamente.

– Sim, concordo com tudo. Este será o nosso contrato.

O Estrategista declarou em tom solene.

- Então estamos acordados. Assunção é nossa testemunha. Quero chamar sua atenção, Junior, para esta observação. Temos um longo caminho pela frente, você precisará se dedicar intensamente. Procure fazê-lo com generosidade em todas as suas tarefas. Não espere retribuição, apenas tenha a certeza de que tudo que fizer vai retornar a você. Haverá momentos difíceis, quando a dúvida tentar entrar na sua mente e nos seus sentimentos. Você vai se perguntar se está valendo a pena o seu sacrifício. Nestes momentos, reflita sobre o mundo em sua volta e veja que você não está sozinho. Continue plantando e você vai colher o que plantou. O mundo está sempre nos olhando, nos avaliando e, quando menos você espera, muitas oportunidades surgirão. Esteja sempre preparado para fazer a melhor escolha. Pratique o bem como fim último, seguindo o conselho de Santo Agostinho. O mal não existe, o mal é a ausência do bem. Esta frase resume o meu pensamento moral para uma ética imutável. Errar é humano, todos podemos falhar, mas, se o nosso propósito for sempre o bem, jamais praticaremos a injustiça.

- Bem! - exclamou O Estrategista. – Podemos encerrar nosso encontro de hoje. Leia para a nossa próxima reunião o livro O Gene Egoísta, de Richard Dawkins. É um texto intenso e fascinante, domine-o. Boa noite, Assunção. Boa noite, Junior.

Junior despediu-se de ambos e seguiu pelo corredor até a porta frontal da Faculdade de Filosofia. Desceu os degraus e foi caminhando um pouco sem rumo. Estava uma linda noite e ele queria pensar um pouco em tudo o que estava acontecendo. Tudo era real,

mas ele sentia como se estivesse flutuando, até um pouco eufórico. Não estava com medo, como seria normal para ele sempre que iniciava um novo projeto. Estava seguro dos seus passos, acabara de decidir participar de um projeto incrível. Além de buscar seu crescimento pessoal e de decidir seu futuro, poderia fazer parte de um movimento grandioso com valor social de grande alcance. Estava descobrindo um novo mundo.

Decididamente, iniciaria uma mudança. Já tinha um projeto pessoal, um método de trabalho e de aprendizado e um mestre à disposição para orientá-lo, motivos de sobra para sentir-se motivado e cheio de energia para prosseguir.

- Viva a vida!!! - gritou como se quisesse que o mundo inteiro ouvisse.

E seguiu caminhando ao sabor da noite.

IV- A LÓGICA DA VIDA POR QUE A VIDA É ASSIM?

Vinte e cinco dias haviam se passado desde o encontro com O Estrategista. Junior estava chegando ao trabalho pela manhã. O alarme do seu celular tocou avisando a chegada de uma mensagem. Era o Estrategista, agendando o próximo encontro. Seria no Museu de Ciências no sábado seguinte às 10 horas.

A escolha do local para a reunião estava relacionada ao livro recebido por ele do Estrategista. Durante os últimos dias, tinha se dedicado intensamente à sua leitura. Um livro fascinante, sem dúvidas, uma compilação de como as espécies surgem e inovam em seu processo evolutivo. O Gene Egoísta de Richard Dawkins explica a nossa origem e evolução com base na seleção natural, desvendando o mistério dos traços predominantes no nosso comportamento e a razão primordial da vida.

Uma neblina espessa cobria a cidade naquela manhã, aumentando a sensação de frio. Junior atravessou o parque e parou em frente ao antigo prédio. Respirou fundo, não cabia em si de ansiedade para falar com O Estrategista. Entrou no museu e procurou a biblioteca. Ao aproximar-se da porta central, avistou O Estrategista.

- Bom dia, Junior. Como tem passado?

- Muito bem. Estou me sentindo muito bem. Estava ansioso pelo nosso encontro.

- Isto é muito bom, Junior. A ansiedade focada em resultados é positiva. Vamos entrar, temos uma sala reservada para nossa reunião.

Seguiram pelo corredor central da biblioteca até o fundo, onde havia salas de estudos. Entraram e sentaram-se numa mesa, ao centro, frente a frente.

O Estrategista foi direto ao assunto.

– Como foi a leitura?

- Foi ótima, porém tive um pouco de dificuldade em fazer as três leituras ou a leitura em três tempos como você chama. De qualquer forma, creio ter conseguido assimilar o conteúdo principal.

- No início é assim mesmo. Se você fixou os conceitos principais, é o suficiente, já vai nos ajudar a pensar hoje. Neste encontro, vamos investigar a lógica da vida, o que faz com que ela seja como é. Em uma palavra, afirmo que a vida é competição. Do começo ao fim, somos movidos pela competição. Esta é a lógica inescapável da vida.

- Estamos em um museu de ciências. Nesta biblioteca, temos um resumo do mundo em que vivemos. Várias ciências podem nos ajudar a ter uma visão abrangente sobre a vida. Entre elas, creio ser a biologia aquela que mais claramente nos aproxima do entendimento da nossa própria identidade, sem subterfúgios ou concessões de ordem moral, religiosa ou ideológica. Respeitando a crença pessoal de cada indivíduo, vamos desde logo colocá-la de lado, buscando, em princípios racionais, os princípios para o

nosso projeto. Não estamos, através dessa decisão, defendendo uma moral puramente biológica para interpretação da natureza humana, não entraremos nesta discussão. Queremos entender a vida como ela é, definida por uma razão lógica para o nosso comportamento notadamente predominante.

- Bem, Junior. É sobre isso que vamos falar hoje: a lógica da vida.

- Quando olhamos para nossas vidas, nossa atenção está nas coisas relacionadas ao dia-a-dia: trabalho, família, dinheiro, lazer, amigos e por aí vai. Passamos a maior parte do tempo dormindo e trabalhando. É assim para todo mundo. Somente quando morre alguém próximo é que paramos para pensar na vida em sua totalidade, como o nosso ciclo de existência, nascer, viver e morrer. Para nós, esse ciclo define a nossa presença no mundo, tudo se resume a viver o nosso tempo. O ciclo é um processo de finitude e renovação, nada que vive escapa a essa lógica. Do nosso ponto de vista, nascemos cheios de vida, vamos esvaziando e tudo termina quando morremos.

- Gostaria de entender melhor essa questão. O conteúdo do texto de Dawkins me impactou muito. Tenho certa dificuldade em aceitar a natureza humana tal como ele descreve. Sou competitivo; admito que sou egoísta muitas vezes, mas não sei se me encaixo totalmente no mundo descrito por ele. - interrompeu Junior.

- Nós não temos dúvidas sobre os ciclos da natureza. Eles estão em todos os lugares onde há vida? Bem, se a vida é perpetuada em ciclos, então essa é a lógica da perpetuação. Uma vida que vai e outra que vem. É natural que, no interior dos ciclos, onde a vida acontece, tal lógica se reproduza como um padrão de renovação contínua. Nascemos com uma missão primordial: dar seguimento à vida. Para isso, temos que competir para que o vencedor selecionado continue a saga da vida.

- Esta lógica vale para outras atividades humanas? – perguntou Junior.

- Sim, tudo é cíclico. Na economia, empresas, negócios, carreiras profissionais, cultura, países e impérios. A temporalidade segue em ciclos, semanas, meses, anos décadas, milênios. Quando falamos de produtos, empresas, países ou impérios, ficam nítidos os seus ciclos de vida, marcados por fases de crescimento, maturidade e declínio. Uma nova tecnologia determina a inutilidade da anterior, cria um novo parâmetro. E esses ciclos podem ter tempos diferentes, sejam eles curtos ou longos, a história é nossa testemunha da sua presença em todas as civilizações.

- Veja bem, Junior, nós estamos em ciclos diferentes, tenho o dobro de sua idade e este fator modifica nossas expectativas. Os ciclos não são iguais para todos. Embora diferentes em sua duração e conteúdo, começam e terminam de forma semelhante. Compreender o ciclo da vida nos ajuda a aceitar nossas possibilidades e limites. Devemos, sim, tentar ampliá-lo, porém jamais vamos perenizá-lo - esclareceu O Estrategista. Recebemos uma dádiva da natureza que podemos chamar de espaço vital. Ela deve ser usada da melhor forma possível, empregando todas as nossas potencialidades. Somos donos e portadores dessa existência, ela é infinita enquanto durar, fazendo alusão ao poeta.

- Por que é assim? - cortou Junior.

- Ninguém sabe. - respondeu O Estrategista. A natureza tem seus mistérios, uma inteligência peculiar, organiza tudo e todos ao seu tempo. O ciclo da nossa vida está contido no ciclo da vida da terra e este no ciclo de vida da galáxia, que está no ciclo do

universo conhecido e este no universo desconhecido, tendendo ao infinito. Mas não é essa a direção que vamos investigar. Ficaremos no âmbito do nosso espaço de vida entre os homens para sabermos mais sobre o que e fazemos e por que fazemos. Convém identificar, aqui, uma ressalva importante. Neste encontro, estamos analisando a vida como ela é desde seus primórdios. Na perspectiva biológica, somos organismos vivos antes de sermos homo sapiens, estamos explicando a vida e não a civilização. Ao afirmarmos, à luz da biologia, que somos egoístas comandados por nossos genes, que precisamos competir para sobreviver, estamos apenas reafirmando nossa condição de dependência da vida.

- A vida, Junior, para cada um de nós não é um presente divino, é uma consequência da sequência que nos antecedeu. As pessoas não são todas iguais, pensamos diferente uns dos outros, sentimos diferente. De fato, não somos todos igualmente competitivos, há diferentes formas de viver individual e coletivamente. Também não estamos decretando a necessidade de sairmos por aí nos digladiando como única maneira de prosperarmos. Estamos, sim, revelando nossa condição natural, o modo pelo qual a natureza nos criou e nos conduz como espécie dominante no planeta.

- No encontro anterior, falamos sobre o contrato social e sobre a ética da convivência em sociedade como processo civilizatório atuando sobre o nosso destino biológico e enfrentando a ditadura dos genes para superar nossas contradições. Nossos conflitos existenciais nos impõem interferir sobre o nosso comportamento natural na busca da harmonia e da felicidade na vida em comunidades. Esta é nossa invenção como seres inteligentes. Saímos da idade da pedra para o século XXI enfrentando nossas próprias limitações, superamos o egoísmo predominante, desenvolvemos a cooperação, superamos a condição natural, vencemos a luta pela sobrevivência e dominamos o planeta. Mas, nem por isso, vamos agora ignorar nossa condição de seres dependentes da evolução pela seleção natural da competição dos genes que nos comandam como espécie. Seria um erro fatal, uma falta de inteligência e sensibilidade para com a nossa condição humana.

- Eu entendo, Estrategista! Não podemos renunciar ao que somos no mundo natural. Independentemente do pensamento, crença e comportamento de cada pessoa, aceitar como fomos feitos essencialmente vai nos permitir entender e agir para transformar o mundo ao qual queremos pertencer.

- Sim, Junior. Se queremos um mundo diferente, devemos construí-lo. Recebemos da natureza uma condição precária para nos transformarmos no que somos hoje. No decorrer dos nossos encontros, vamos investigar caminhos para continuarmos evoluindo como pessoas e também como espécie. Para isso, estamos aqui! Essa é nossa missão! Por agora vamos continuar analisando o nosso texto e, por mais dura e cruel que pareça ser a nossa investigação, ela não é negativa, não sou nem seremos pessimistas em relação ao nosso destino. Mas não queremos nos enganar, não é mesmo? Então, vamos em frente, enfrentar a crueza da nossa condição humana para superá-la com nossa inteligência e equilíbrio emocional.

- Veja, Junior, nós percebemos a natureza renovando a vida em ciclos em sucessão. Observe: nossos pais, nós e nossos filhos, um movimento de três gerações em seus ciclos interligados. A biologia não faz essa separação do ponto de vista evolutivo; a vida é um todo permanente, nós é que somos mortais. Nascermos com a missão de sobreviver o maior tempo possível para alongar nosso ciclo de vida e procriar para garantir a

preservação da espécie. Estes são os mandamentos supremos da vida em termos biológicos.

- Então, somos seres a serviço da natureza? Não podemos escapar dessa condição? – perguntou Junior.

- Sim, somos parte da natureza, seus dependentes e propagadores. A biologia nos define como máquinas de sobrevivência planejada para preservar as moléculas fundamentais da nossa constituição conhecidas como genes e identificados no DNA de cada um. Somos mensageiros responsáveis por passar, de geração a geração, nossas características físicas e de personalidade para nossos filhos, netos e assim por diante. Desde o princípio, viemos sendo adaptados para servir à perpetuação da vida. Para negarmos tal evidência, teríamos que renunciar ao trono ocupado pelo homem no topo dos seres vivos do planeta. Chegamos até aqui, porque fomos deliberada e cuidadosamente equipados para cumprir com nossa missão.

- Então este é o nosso destino primordial? Sobreviver e procriar para depois desfrutar?

O Estrategista respirou e conformado afirmou.

- Não há como negar, parte importante do nosso destino é determinada pela lógica irrefutável da natureza. Não podemos renunciar ao determinismo dos genes da nossa constituição, afinal foram eles que nos criaram, mente e corpo, com a condição de preservá-los, como a razão última da nossa existência. Ensinaram-nos, com seus milhões de anos de sobrevivência, a atualizar e fortalecer nossas máquinas corporais para superar todas as barreiras contrárias à preservação da nossa espécie. Mas não esqueça, o destino é parte da nossa equação de sobrevivência; o destino conta também com nossas escolhas - ele não age sozinho.

- Mas, sim, Junior, nós não podemos negar. - Somos hospedeiros das nossas unidades de vida, os genes. Ficamos encarregados de manter nossos corpos funcionando em perfeitas condições para reproduzir nossa matéria genética aos nossos filhos. Eles surgirão como novas máquinas humanas, mais evoluídas em relação a nós, prontas para dar sequência a uma nova jornada de evolução da nossa espécie.

- Nossas características físicas, a definição do gênero sexual, o lugar onde nascemos e a família a que pertencemos, ninguém escolhe. Tudo é produto de um intrincado processo que a natureza desenvolveu para favorecer a preservação das espécies, incluindo a nossa. Tudo é preparado para que, ao chegarmos ao mundo, pareça que este já estava à nossa espera. E, de certo ponto de vista, sim, estava, visto que nossos pais nos aguardavam, saímos à semelhança deles e tudo o mais. Entretanto, esta é a vida aparente, nos enganamos pensando que a vida foi feita para nós. É o contrário, a vida existe há milhões de anos e, provavelmente, existirá indefinidamente. Nós é que fomos criados para mantê-la, uma a uma. Milhares e milhões de nós levamos a vida que nos foi entregue à frente. De corpo em corpo, ser em ser, a vida se replica pela nossa reprodução.

- Mas, veja bem, Junior, o destino não fecha todas as portas. A natureza também abriu espaço para o livre arbítrio e ele não é pequeno. Ele será do tamanho que pudermos dimensioná-lo. Para tornar o jogo da vida mais interessante, a mãe natureza nos deixou à vontade para fazermos tudo o que quisermos e realizarmos nossas necessidades e desejos infinitos, mas determinou recursos limitados a serem explorados. Ou seja,

nascemos com parte da nossa vida determinada; a outra parte livre, onde podemos atuar à vontade, vem enfrentando um ambiente com escassez de recursos. Nascemos com uma missão biológica a cumprir, sobreviver e procriar, porém o prêmio para este determinismo, a liberdade para viver, está condicionada à possibilidade de alcançarmos a quantidade de recursos de que necessitamos e que desejamos. É como uma compensação: ganhamos o livre arbítrio, uma liberdade utopicamente ilimitada, mas materialmente condicionada aos limites da natureza à qual pertencemos.

- Estou me dando conta de uma coisa - disse Junior. – Se nascemos com necessidades e com desejos infinitos, nunca estaremos plenamente satisfeitos. Mas nunca nos realizaremos plenamente porque os recursos que a natureza nos disponibiliza são limitados. Ou seja, essa conta não fecha, vamos esgotar o planeta e não vamos nos realizar plenamente. Ou vamos lutar uns contra os outros na disputa pelos escassos recursos disponíveis.

- Queremos sempre mais - afirmou O Estrategista. Isso significa que temos que disputar com os demais se pretendemos aumentar a nossa satisfação. A natureza criou o jogo da vida, que consiste em nos fazer competir para sobreviver, procriar e tudo o mais. Isso nos transforma em egoístas por necessidade, pois, para possuir mais, temos que disputar com alguém. E os mais egoístas, geneticamente falando, terão mais chances de levar seus genes à frente, pois esses genes estarão mais adaptados para as próximas batalhas pela vida.

- Mas esta é a lei do mais forte, por isso muitas pessoas afirmam que a vida não é justa. É difícil aceitar tal lógica - protestou Junior. E a cooperação, o altruísmo, a vida em sociedade de que tanto falamos.

- Espere, Junior, não estamos afirmando que a cooperação e o altruísmo não existem. Várias são as formas de cooperação desenvolvidas pela humanidade no seu desenvolvimento. Mas, entenda, são formas derivadas da competição. O homem também se reúne e coopera entre si para cooperar e até fazer guerra contra outros homens. Vamos abordar melhor a questão da cooperação oportunamente, falando como gostaríamos que a vida fosse. Por hora, vamos falar sobre como ela é, sem rodeios ou meias palavras, assim como é sua lógica, imutável como máquina biológica evolucionária.

- Eu sei, é perturbador reconhecer nosso egoísmo. Muitas pessoas se recusam a aceitar este traço dominante no nosso comportamento como se ele fosse desumano, mas não é. Não podemos negar a sua evidência, é a lógica da sobrevivência, a evolução pela seleção natural. Lembre-se de que não vamos fazer julgamentos morais sobre a ordem natural das coisas. A qualidade predominante de um gene bem sucedido no processo de seleção natural é o egoísmo implacável, sustenta Dawkins no livro que você acabou de ler. O egoísmo é uma ferramenta competitiva criada para a preservação dos genes, responsáveis pela trajetória da vida até os dias de hoje. Nascemos com instinto de preservação a qualquer custo. Nossos corpos respondem, assim, ao domínio dos genes, começando pela fecundação e reproduzindo esse comportamento durante todo o ciclo de vida.

- Vamos tentar pensar como se fôssemos a natureza, Junior. Como fazer para permitir ao homem ter uma vida livre para decidir, dando-lhe a inteligência para fazer o que bem entende, até para destruir a si próprio em guerras inúteis, sem impor nenhum limite? Novamente a lógica dos ciclos se reproduz. A morte, engendrada para determinar a

renovação, foi uma invenção genial a desafiar nossa capacidade de inovar e reinventar nosso modo de viver a cada geração. O recurso do planeta também tem início e fim. Há um tempo para que eles se renovem; o homem deve respeitar este ciclo, pois, se não o fizer, haverá um esgotamento. Condiçãoou-se, portanto, a vida no planeta e talvez em todo o universo a um jogo de consumo e de escassez como um limite autorregulador, cuja pena fatal é a extinção.

O Estrategista respirou, como que descansando um pouco do fluente diálogo, serviu água para ambos, tomou um longo gole e voltou ao tema.

- Ao estabelecer limites, a natureza criou o artifício da competição para oferecer a todos as mesmas oportunidades de disputar os recursos oferecidos por ela ao homem. Por outro lado, inteligentemente, tornou imperativa a busca de melhoria das nossas aptidões para disputar as melhores posições. Competindo, fazemos nossa máquina biológica aprimorar-se e nos tornamos protetores mais competitivos e eficientes na função de reproduzir a vida, de levar adiante os genes da evolução.

- Ainda não me parece a forma mais justa, reafirmou Junior. Mas devo reconhecer meu lado competitivo. Adoro vencer e detesto perder. Neste sentido, sou um típico seguidor do comportamento dos genes. E não sou só eu. É só olhar no meu trabalho: quanto mais alto é o cargo, maior é a disputa. Se olharmos para a economia, os mercados, a política, os esportes, as celebridades... o mundo gira de forma aspiracional. É a seleção funcionando, como o próprio nome diz: quanto mais seletivo o processo, maior é a exclusão. Para haver um vencedor, todos os demais serão superados.

- É compreensível sua indignação, respondeu o Estrategista. Se você pensar unicamente como indivíduo, pode parecer injusta a regra da competição, com vencedores e perdedores, mas, se olhar o todo, vai perceber o equilíbrio que o sistema alcança. Oferecer tudo em abundância a todos determinaria o fim do planeta, não haveria futuro para ninguém e o ciclo da perpetuação seria interrompido. Não haveria motivo para a inovação e evolução, tudo estaria posto. Seria o fim antes do começo. O sentido dos nossos encontros é preparar você para o mundo real. De nada adianta criarmos uma fantasia, uma bolha para protegê-lo. Ela não vai resistir e, cedo ou tarde, você será exposto à realidade. A melhor forma de se proteger nesse mundo é atuar sobre ele. Cada um pode fazê-lo à sua maneira, do seu jeito, consciente da sua necessidade de ser e de existir como indivíduo no seu contexto social.

- A natureza encontrou um sistema para preservar-nos, preservando-se. Lembre-se dos ciclos com esferas uma dentro da outra. O planeta, a galáxia, para preservar um é necessário preservar todos. Sua lógica está em manter o equilíbrio para manter a vida. No processo da evolução, só pode haver um vencedor, o gene, responsável por continuar a vida. Tudo o mais é secundário, a lógica é seletiva, excluindo aqueles indivíduos menos capacitados para cumprir sua função biológica.

- Bem, Estrategista, então a lógica da competição não é negativa para a humanidade, embora possa ser cruel com os seus indivíduos? Temos que viver competindo, tentar sobreviver, vencer e, se possível, ainda sermos éticos, solidários, comunitários. Difícil nossa tarefa. Tudo isto em nome da sobrevivência da nossa espécie.

- A competição é a lógica da perpetuação da vida, a solução que a natureza criou para nos fazer lutar pela propagação dos genes. Sua evolução cobra um preço a cada um dos seus indivíduos, por um lado este é um fardo a ser carregado pelo homem, porque

somos os únicos entre os organismos vivos com plena consciência dos nossos atos e dos limites determinados pelo nascimento e pela morte. Por outro lado, se suprimirmos a competição, a vida perderá o sentido, afinal o que seria viver sem nenhuma necessidade a ser suprida?! Tudo perderia a razão de ser, seria o fim antes do começo.

- Há mistérios que não podemos desvendar, Junior. O principal deles é por que a natureza nos concedeu a supremacia sobre outras espécies com total liberdade ao homem sobre a face da Terra? Por que impôs suas regras e, ao mesmo tempo, nos proporcionou a consciência sobre elas, permitindo-nos sonhar com desejos impossíveis? Não sabemos. Simplesmente não temos escolha, esta é a parte do nosso destino já traçado. Temos que aprender a lidar com isso.

- Então, tenho que aceitar essa realidade. A mãe natureza é sábia, à sua maneira, disse Junior, conformando-se. Mas há momentos em que ela parece ser impiedosamente seletiva.

- Sim - respondeu O Estrategista. – Sua lógica é irrefutável, impecável e implacável. Mas devemos reconhecer que fomos premiados. A natureza nos recompensou ao nos colocar no comando, no topo de todas as espécies, no controle da vida inteligente como a única espécie capaz de compreender a própria existência em troca de servir como sua máquina de reprodução. Ela nos deu a liberdade de utilizarmos todos os seus recursos, desde que estejamos dispostos a competir por eles. E, assim fazendo, estaremos aprimorando nossa ferramenta egoísta para preservar os genes, a unidade da hereditariedade, único interesse da natureza em nos manter vivos. Hospedamos a vida de um lado, recebemos a vida de outro. Esta é uma troca justa, com certeza. Este é um grande patrimônio, ainda temos muito a percorrer para usá-lo a favor da nossa realização.

- Estrategista, então a vida é basicamente competição? Podemos afirmar que nascemos para competir? Como ficam a cooperação e a solidariedade? – questionou Junior.

- Os genes são enfáticos ao orientar suas máquinas de sobrevivência para que façam o que for necessário para que se mantenham com vida. Competir sempre para obter o melhor resultado e, se for mais bem indicado, cooperar para alcançar o objetivo. O altruísmo também pode ser uma prática de sobrevivência, mas não é um comportamento dominante em se tratando de evolução das espécies. Olhando para o nosso ciclo de vida, há momentos de cooperação na defesa dos nossos interesses comuns. Quando somos muito jovens ou muito velhos, agimos mais em grupos, na tarefa de procriar e educar os filhos. Consorciamos-nos e formamos famílias como as nossas primeiras corporações. Criamos escolas coletivas e instituições privadas e públicas.

- Para mediar nossas relações, criamos o estado para garantir nossos direitos e distribuir os deveres nos mínimos e máximos. Formamos clubes e nos unimos para colaborar em catástrofes, torcemos por um time de futebol para exercitarmos nossos instintos genéticos de atuarmos como manadas. Nossa inteligência e nossa cultura acumuladas nos ensinaram a disfarçar nossa natureza egoísta em nome da civilidade. Porém, quando se trata de passar pela peneira da seleção natural no processo da evolução, a ordem dos genes é o “salve-se quem puder”, em seus próprios benefícios. Quando defendemos nossa sobrevivência, não estamos tentando salvar somente nossas vidas; estamos, pois, preservando a propagação da vida sintetizada pelos genes dominadores que hospedamos.

Junior interrompeu.

– Mas, se temos a liberdade de escolha, não podemos tentar ser mais solidários e cooperativos, mesmo contra a vontade dos genes? Até que ponto nós somos escravos da competição dos genes?

- Em certos aspectos, conseguimos nos rebelar contra os genes, mas não é a regra. Mais adiante, vamos abordar o tema da cooperação, ela também pode evoluir. Populações em estado de equilíbrio no seu crescimento e predominância de idade avançada tendem a ser mais cooperativas, buscando formas de associação social de ajuda mútua. É o que acontece em países de longa história civilizatória. A Europa é um exemplo. Lá, países e cidades dedicam-se a ampliar um alto padrão de qualidade de vida, mas isso só possível porque suas populações estão estáveis ou em declínio, e também porque a necessidade de competir é reduzida pela ação do estado em fornecer bem estar à população. Já em países pobres, com maiores taxas de crescimento populacionais e populações jovens, a competição é quase absoluta; todos buscam a sobrevivência, o tempo todo. Não existe a busca por outras garantias de vida senão as próprias forças. Mas a cooperação tem seus limites. Caso anule a competição, todos vão cruzar os braços e esperar que algo aconteça, mas nada acontecerá. Ou seja, isso é a representação da estagnação do processo, em que tudo vai ficando mais lento, a economia, o trabalho, a evolução, até parar.

- De qualquer forma, emendou O Estrategista, o processo civilizatório avança e podemos ser altruístas e cooperar uns com os outros em muitas atividades assim como também podemos inventar novas formas de prazer e de sentido para a vida. No sexo, por exemplo, somos a única espécie que faz sexo por prazer, evitando a concepção. Certamente essa não foi a finalidade dos genes ao planejarem nossos aparelhos reprodutivos. Para eles, quanto mais procriarmos melhor, pois maior é a chance de eles continuarem se propagando.

- O processo civilizatório tem demonstrado quanto o homem é capaz tanto para o bem quanto para o mal em relação à ordem posta pela natureza. Mas não convém nos iludirmos com utopias. A solidariedade é a exceção; não a regra. Os genes vão continuar comandando o espetáculo ao seu jeito, de forma egoísta e competitiva. Uma postura predominantemente altruísta redundaria em morte certa e consequente superação na seleção natural em prol da generalizada postura egoísta e competitiva dos genes dominantes. Mais adiante em nosso estudo, vamos abordar formas de atuar e enfrentar os conflitos inerentes ao nosso ambiente competitivo. Por ora, vamos seguir a lógica desenhada pela evolução. Não há como escapar. E isso diz respeito não somente aos humanos, mas a tudo aquilo que vive e que compete para sobreviver.

- Não perca a esperança, Junior - amenizou O Estrategista. Nós humanos temos uma vida inteligente. Não só podemos refletir sobre a razão da própria existência, como também aprender a imitar a natureza que nos criou. E foi isso que fizemos, copiamos o seu sistema. Se por um lado, ela nos impôs a hereditariedade dos genes, nós, no exercício da nossa liberdade, criamos outra forma de genes voltada ao nosso comportamento social e cultural. Ao cumprirmos nossa função biológica, despertamos para a possibilidade de preservar outros valores além da vida biológica. Essa é uma forma de romper o ciclo vital, criando uma memória permanente, um caminho para o reconhecimento e realização para todo sempre.

- Esta foi uma descoberta espetacular que passou a fazer a diferença entre viver e existir. O homem descobriu que podia ser dono do seu destino quando percebeu a possibilidade de fazer a diferença. Deixou sua marca na história, criando, assim, uma nova forma de competição não limitada pela natureza, mas por sua própria imaginação, a capacidade de existir como ser e não apenas como máquina biológica de reprodução. O homem foi criado como máquina de copiar a vida. Por sua vez, ele criou a máquina de preservar o pensamento e de copiar o conhecimento. Aprendemos a replicar ideias.

- Então, nós temos uma saída dessa condição de máquina genética. Como poderemos atender os nossos desejos humanos?

- Podemos dizer que criamos uma razão superior para existir. Continuamos cumprindo nossa função biológica, porém elevamos a competição para um patamar acima da sobrevivência. Descobrimos formas de competir pelo talento, sagacidade e inteligência sem depender exclusivamente de recursos escassos, um espaço sem limites para a nossa imaginação. Nosso ciclo de vida continua limitado a um intervalo de tempo, com certeza, mas descobrimos que podemos permanecer em nossas empresas, organizações, manifestações culturais, artísticas, esportivas e tudo o mais. Inventamos outra versão do jogo da vida, cujo prêmio não é somente a sobrevivência e a preservação da espécie, mas a realização da existência como ser pensante.

- O jogo de ser, além de viver, foi uma nova criação, não mais da natureza, mas do cérebro humano, um estágio superior para a vida na face da Terra, a transformação da competição pela sobrevivência para a competição da inteligência para o exercício da racionalidade. O livre arbítrio é um novo mundo criado pela nossa imaginação para nos libertar da escravidão imposta pelos genes. Ele nos permite pensar no infinito e nos instiga a tentar atingi-lo. O livre arbítrio pode ser real, mas antes ele é ilusório. Nossa mente é hábil em nos vender a ilusão de que podemos mais do que as nossas possibilidades.

- Quer dizer que estamos tentando descobrir o segredo da natureza para nos perpetuarmos? A criatura superando a criação? – indagou Junior com bom humor.

- Calma, não se precipite. Já sabemos um pouco, mas estamos longe de superar a criação. Para entendermos bem nossa trajetória, vamos voltar no tempo e olhar como tudo começou. Na Terra dos primeiros organismos vivos, tudo eram calma e simplicidade, a Terra estava formada e, digamos, madura para o desenvolvimento da vida. Entre os primitivos organismos daquela era, algo incrível e absolutamente incomparável aconteceu. De um momento para outro, a natureza deu um salto. Surgiu o replicador, uma nova unidade de vida com uma diferença revolucionária: a capacidade de criar cópia de si mesmo. Foi o primeiro sopro da evolução, o mecanismo de replicar a vida. Um acontecimento único, absolutamente extraordinário, ainda sem explicação. Estava criado, assim, o padrão de multiplicação dos organismos vivos, a vida em uma máquina de copiar. Dessa forma, saímos átomo multiplicador para o que somos hoje, a máquina biológica desenvolvida para copiar a vida com a perfeição engendrada pela natureza. Os replicadores deram a partida para o mecanismo de seleção pela competição no processo de evolução.

- Então foi assim! - exclamou Junior – De um momento para o outro apareceu uma célula copiadora e começou a se reproduzir? Assim? Do nada?

- A biologia evolucionária assim nos explica. O sopro da vida surgiu do acaso e prosperou. Da primeira cópia até hoje, foi uma trajetória percorrida em milhões de anos em um processo conflituoso e transformador. À medida que iam se multiplicando, aumentava o consumo de elementos de sustentação das novas vidas em profusão. A disputa por alimentos e a competição pela sobrevivência tornou-se radical e cruel. Não haveria espaço para todos. Uma luta interminável pela vida foi incorporada à existência no planeta. Estava estabelecida a seleção natural pela competição, em que somente os vencedores mais adaptados e evoluídos permaneceriam como cópias atualizadas.

- A natureza continuou sua obra. A evolução levou os replicadores a alcançarem sua identidade final, ou seja, os genes que a sua semelhança criou, transformando-se na razão última da nossa existência. Para melhor se protegerem na guerra da sobrevivência, os genes desenvolveram nossos corpos e nossas mentes, dotando-nos também da capacidade de nos copiarmos para facilitar a propagação dos seus sucessores. Completava-se, desse jeito, a obra perfeita da natureza, com a cumplicidade definitiva entre a vida tal como a desfrutamos e a necessidade de preservá-la, para que os genes continuassem para todo o sempre, o que sempre foram: a essência da vida.

- Incrível! - Exclamou Junior! - Somos máquinas de copiar a natureza e aprendemos a copiar a nós mesmos! Claro que não podemos ser muito diferentes do que somos, somos parte do organismo natural. Lutar contra ele é lutarmos contra nós mesmos. Se interrompermos a competição dos genes, estaremos decretando o fim das nossas vidas, a nossa extinção.

- É a nossa inteligência. Os genes nos ensinaram a copiar para nos preservarmos. Então, percebemos a possibilidade de irmos além; nossas mentes fizeram o próximo salto. Foi aí que começamos a copiar racionalmente. Aprendemos a desenvolver o pensamento, guardar o conhecimento e transmiti-lo às gerações futuras. É o que Dawkins chama de *meme*, forma de transmissão cultural análoga à transmissão genética, uma forma de evolução do pensamento e da civilização. Esta expressão é uma abreviação de *miemme* palavra de raiz grega que significa imitação. O homem imitando para reproduzir culturalmente a forma de copiar que a natureza aprimorou para fazer a evolução das espécies.

- Fomos criados com o imperativo biológico de sobreviver e procriar. Porém, intencionalmente ou por acidente, desenvolvemos uma inteligência peculiar, proporcionando a consciência sobre nós mesmos. Esta inteligência, não satisfeita com a condição de hospedeiro da vida, criou para si mesma o imperativo existencial, a racionalidade, uma necessidade de desdobrar a vida em uma dimensão fora do controle da mãe natureza. Somos máquinas biológicas, mas não somos como os computadores com um *hardware* e *software* separados. Estamos, sim, em constantes *upgrades*, mas de forma integrada. A máquina evolui com o seu pensamento e vice versa. Nosso sistema inteligente precisa ser constantemente atualizado para não nos tornarmos obsoletos. Nosso corpo precisa de melhorias, maior capacidade de processamento, potência e ação para não enferrujarmos como máquinas ultrapassadas sem capacidade de carregar os genes evoluídos. Corpo e mente em uma mesma função vital.

- Bem, Estrategista, então poderia afirmar que temos duas formas de existir, uma como ser biológico e outra como ser humano?

- Sim, de um lado somos uma máquina orgânica competitiva para sobreviver e procriar, cumprindo o destino determinado pela natureza – nesse aspecto, somos puramente

genes. De outro lado, somos seres humanos inteligentes em busca de outras razões existenciais para viver e nos realizarmos. Para existirmos como pessoas, queremos ter identidade e protagonizar nosso destino, ocupar nosso livre arbítrio, realizar projetos e deixar marcas da nossa passagem pelo mundo. A forma que encontramos para fazer isso foi adotando a mesma lógica da evolução biológica para a evolução social e cultural.

- Quando nosso ciclo de vida termina, morremos fisicamente, deixando para trás os genes e os memes. Os genes, afirma a biologia, permanecem, mas, em algumas gerações, deixam de ter identidade com seus ancestrais. Ou seja, nossos genes ficam quando morremos e contribuem para o seguimento da humanidade, mas, em pouco tempo, eles perdem toda a identidade que tinham conosco. Já os memes, contribuições culturais ou cientificamente importantes para a humanidade, permanecerão para sempre. Só estamos fazendo este raciocínio graças à teoria da evolução de Darwin que mimetizou seu pensamento científico sobre a origem do homem. Neste sentido, ele está vivo. Sabemos muito sobre ele e absolutamente nada sobre seus genes, já completamente absorvidos pela sua própria evolução.

- Assim como os replicadores surgiram para iniciar a propagação da vida em forma de genes, a nossa mente também adquiriu a capacidade reflexiva da existência. A habilidade de nos comunicarmos, a fala, a escrita, as artes e tecnologias nos permitiram amplificar a vida para outras fronteiras, abrindo universo para a realização das nossas emoções e sentimentos.

- Bem, concluiu Junior - não há como não assimilar a lógica da vida agora que a desvendamos.

- Não há como refutarmos a nossa história biológica. Permanecemos com dúvidas e inseguranças, mas não temos a quem recorrer senão à nossa própria origem para nos socorrer. Não podemos negar o nosso passado biológico. A lógica da evolução pela competição é o processo que nos fez chegar aonde chegamos e vai continuar sua reprodução.

- Estamos buscando o esclarecimento. A natureza mostra seu realismo para quem quer ver, muitas vezes chocante pela simplicidade e pela crueza dos seus mecanismos de sobrevivência. Estamos indo direto ao assunto e, por mais que estas informações possam nos impactar, não devemos nos desviar da nossa investigação. Podemos nos enganar - e o fazemos com frequência -, porém, quando se trata da busca de conhecimento, o pior engano é esconder a verdade de nós mesmos, já que isso tornaria inútil nosso esforço de aprendizado.

- Em outro livro que não indiquei a você, mas que vou citá-lo, o Autoengano, seu autor Eduardo Gianetti faz uma abrangente abordagem sobre como podemos nos equivocar em nossos julgamentos, seja por culpa, necessidade ou interesse. Aconselho esta leitura, de forma complementar, ela amplia nosso entendimento sobre a prática da mentira e a arte de enganar em nossas vidas. Mentimos sinceramente para nós e para os outros o tempo todo. Sabemos disso e aceitamos esse fato como natural a ponto de nos aceitarmos como honestamente mentirosos. O disfarce e o engano são muito comuns entre os animais quando buscam satisfazer suas necessidades básicas de sobrevivência e de procriação. Já entre os humanos, a preferência pela prática do engano atende as necessidades subjetivas. Disfarçamos nossas emoções, fazemos de conta, dissimulamos, representamos papéis com realismo e incorporamos tais práticas ao nosso comportamento cotidiano.

- Veja como é interessante, Junior. A natureza também nos ensinou a enganar e o que é pior: gostamos da arte do engano. Ele nos ajuda em nossas decepções, nossos triunfos. É um eficiente mecanismo de defesa psicológico. O blefe faz parte do jogo da vida: preste atenção ao seu redor e você o identificará nas relações pessoais, nas competições esportivas e, principalmente, nos negócios. O engano nos ajuda a esconder o que não queremos ver e a disfarçar o que queremos esconder. Entretanto, devemos evitar a prática do autoengano como negação das nossas possibilidades racionais. Salvo pela ignorância do saber, não podemos negar a inteligência provida pela natureza com exclusividade para o homem. Depois que descobrimos algo, inevitavelmente nos transformamos, não podemos rejeitar nem nos esconder do nosso próprio conhecimento. Nossa inteligência não volta atrás. No curso do rio da sabedoria, não há retorno – eis outra determinação da evolução.

- O que podemos ganhar com o engano se todos o praticam? - questionou Junior. - Precisamos de uma dose de hipocrisia nas nossas vidas?

- Tentamos obter vantagens, Junior; buscamos ser mais espertos. É a competição, somos levados por ela. Quando provocados, usamos todas as armas e, geralmente, acusamos a outra parte de ter começado o conflito para podermos justificar nossa resposta e, assim, desenvolvemos o arsenal dos nossos disfarces emocionais. Isso vale para as relações pessoais, afetivas e para os negócios. A hipocrisia e o politicamente correto são mecanismos de defesa que disfarçam o que realmente somos e sentimos, mas de que, muitas vezes, nos envergonhamos. Sim, nos envergonhamos dos próprios sentimentos. Então, mentimos para nós, para os outros e disfarçamos tudo para não nos julgarmos culpados dos nossos pecados.

O Estrategista fez mais uma pausa:

- Devo fazer mais uma ressalva importante. A abordagem adotada para esta análise sobre a lógica da vida tem como única referência a evolução como fenômeno biológico. Não estou fazendo juízo sobre a índole do homem. A competição, o egoísmo que a move e o engano como arma competitiva não devem ser interpretados como um bem ou um mal em si mesmos. São traços determinantes do nosso comportamento. Esta é uma escolha justificada pela busca de uma lógica como ponto de partida para a aplicação em todo o nosso projeto. Adiante veremos as implicações deste entendimento em seus desdobramentos no seu aprendizado.

-Entendo, respondeu Junior - você está deixando evidente a sua escolha objetiva. Esta é sua maneira de ver a vida. Esta será a linha de pensamento para o nosso projeto.

- Não tenho dúvidas - reafirmou O Estrategista. - A competição está encravada no nosso DNA e também na nossa mente, fantasia, emoções, passado, presente e futuro. Não somos todos iguais, a natureza não faz cópias idênticas, alguns são mais competitivos que outros, mas definitivamente esta característica é parte do nosso equilíbrio. Tudo no nosso organismo, especialmente os nossos sentidos, foram desenvolvido para desfrutar as sensações de competir. Estamos sempre tentando nos diferenciarmos dos outros indivíduos, para nos sentirmos melhores e únicos. Nada vem se não tomarmos a iniciativa. A individualidade e o egoísmo são o último refúgio do nosso ego refletido na competição pela vida em todos os níveis. Simplesmente não suportaríamos a igualdade absoluta, seria um retorno a condição dos primeiros organismos. A individualidade é definida pelas diferenças, conflitos de interesses, disputas por posições de hierarquia e privilégios entre os seres vivos.

- Junior, somos competitivos por obra da natureza. Este é o elo fundamental para fazer funcionar o mecanismo de sobrevivência desenvolvido em milhões de anos na Terra. Fazemos parte desse mundo e nossa inteligência foi moldada pelos mesmos padrões para atuar em conjunto com a natureza, em seu favor e benefício. Não podemos nos separar de tudo nem de todos que nos cercam. Estamos no mesmo barco da existência. Se formos contra esta lógica, seremos excluídos do processo sem nenhum controle ou capacidade de realizarmos nossas aspirações. Lembre-se do que falei anteriormente. Devemos aceitar a vida como ela é para depois tentarmos fazê-la como gostaríamos que ela fosse. Portanto, nossa melhor escolha é assimilar esta lógica usando seu mecanismo de propagação para atuar e direcionar seus efeitos, alavancar nossos objetivos, com nossa sagacidade e inteligência.

- Agora, Junior, gostaria de ouvi-lo um pouco sobre nosso tema de hoje, tente fazer uma síntese sobre nossa reunião.

- Vou tentar - disse Junior. Observando o nosso cotidiano, as pessoas trabalhando, tentando subir na vida, enfrentando a concorrência em suas atividades, tudo se encaixa na sua explanação. A natureza nos colocou no centro da vida, nos deixou à vontade para disputar a sobrevivência, inventou a lógica da competição como mecanismo de preservação e seleção de todas as espécies e também de nós mesmos. Dotou-nos de uma inteligência única, superior aos demais animais e seres vivos. De certa forma, nos fez pensar que somos donos do mundo.

- Então, percebendo a nossa superioridade, desenvolvemos a civilização. Aprendemos a copiar e a melhorar tudo, criamos um novo mundo sem limites com o nosso pensamento. Cultura, moda, arte, ciência, tecnologia e tudo o mais produzido pela criatividade humana. Adaptamos o planeta ao nosso jeito de viver e continuamos nossa ambição de querer sempre mais.

- Sabe, Estrategista, agora consigo entender certos comportamentos dos homens. Estamos sempre disputando alguma coisa, fazemos até guerras inúteis. Saber por que somos assim? De onde vêm estes impulsos que nos ajudam a aceitar nossas fraquezas? Temos os nossos defeitos, não são poucos - é verdade -, mas sou otimista. Se pudéssemos perguntar à mãe natureza o que ela pensa sobre a sua criação, acredito que nos diria que, apesar dos nossos erros, somos o seu exemplo de maior sucesso. Sentiria orgulho daquilo em que nos transformamos. Concorda?

O Estrategista concordou.

- É uma boa síntese, Junior. Pensar positivo faz bem. Viemos do mundo natural e criamos o mundo existencial. Somos parte destas duas dimensões, o mundo dos genes e dos memes. O primeiro foi determinado pela natureza e o segundo criado pela nossa inteligência. Gosto do seu otimismo. Concordo em parte com a possível resposta da natureza à sua pergunta, provavelmente seu orgulho sobre nós teria algumas exceções. Falhas do sistema seriam uma boa justificativa, para não introduzirmos julgamentos de ordem moral no nosso projeto. Para nos criticar, a natureza teria que fazer também sua autocrítica, afinal somos criaturas à sua semelhança.

- Para o bem ou para o mal, a lógica da competição é a ditadura evolucionária com a qual nos defrontamos por toda a vida. O nosso destino será determinado pela nossa capacidade de superarmos os conflitos da nossa natureza humana herdada pelos nossos genes egoístas. Nosso estágio atual de consciência nos permite reconhecer o elevado

patamar de evolução do homem biológico. A pergunta essencial é até onde poderemos evoluir como processo civilizatório, como homem em seu meio social, cultural e econômico?

- Nos defrontamos com um conflito ético, produto da convivência social relacionado às nossas necessidades psicológicas de amenizar a cruenta luta pela sobrevivência no processo de evolução. Nossos defeitos ou desvios de comportamento não são nossa invenção; são mecanismos de defesa, respostas à nossa origem naturalmente conflituosa. Devemos lembrar sempre: somos produtos da evolução da criação e todas as nossas virtudes e defeitos fazem parte da herança genética. Portanto, toda crítica ao homem contemporâneo deve considerar o processo de evolução a que fomos submetidos. Somos sobreviventes de uma competição durante milhões de anos. Esse processo deixou marcas profundas no nosso comportamento e que são impossíveis de serem apagadas. Como já abordamos anteriormente, gostamos de nos enganar para esconder nosso lado menos nobre. Temos até vergonha de certas atitudes, o que é socialmente justificável, mas, se realmente buscamos desvendar nossas raízes, comecemos por aceitar de onde viemos e como viemos, para, então, olharmos para onde poderemos ir.

- Bem, nosso tempo está terminando - falou O Estrategista, olhando para o relógio.

- É verdade - respondeu Junior. Estou muito satisfeito e também aliviado. Agora sei por que sou tão competitivo e não sou exceção - o mundo é assim. Estou me sentindo como se tivesse viajado por estes milhões de anos e agora posso me situar melhor onde estou, entender como cheguei até aqui e o mais importante: consigo ter uma noção de como seguir em diante. Encontrei o fio da meada. Estamos no início do nosso projeto, mas meu oráculo, embora esteja nas primeiras anotações, parece ter a idade da vida na Terra. É como se ele tivesse começado a ser escrito lá nos primórdios. Vou ter muito para refletir até nossa próxima reunião. Só tenho a agradecer. Por mim, ficaria direto falando com você, mas sei dos seus compromissos.

- Antes de ir embora, Junior, tenho outras indicações de livros para você. *The Logic of Life*, de Tim Harford, e *Previsivelmente Irracional*, de Dan Ariely. São livros sobre os dois lados conflitantes do nosso processo de tomada de decisões. Será o tema do nosso próximo encontro. Lembre: concentre sua atenção no método de leitura. Se conseguir ler melhor, vai enriquecer seu pensamento para avançar mais rapidamente em seu projeto. Um dos textos é em inglês, consegue ler?

- Creio que meu inglês é suficiente, qualquer coisa peço ajuda ao meu professor.

Junior despediu-se, guardou suas anotações na mochila, deixou O Estrategista na biblioteca e saiu do prédio até a área central do parque que o cercava. Sentou-se em um banco e respirou com profundidade. Saíra de uma aula sobre a origem da vida e sua lógica irrefutável, milhões de anos em pouco mais de uma hora, estava diante da sua própria existência como nunca antes imaginara. Estava impactado e um pouco atordoado, mas absolutamente lúcido acerca dos ensinamentos recebidos. O Estrategista tinha toda razão, sua vida já não seria a mesma, os conhecimentos adquiridos já o haviam transformado.

Abriu seu caderno de anotações, em cuja capa estava escrito “Meu Oráculo, Minha Vida, Minhas Escolhas”. Folheou as páginas escritas até encontrar a primeira que estava em branco. Nela, registrou as últimas conclusões do encontro que tivera. Estava

convencido: a nossa existência é um processo de propagação da vida, orientada pela lógica da competição. Não há como escapar. A natureza criou o jogo da vida, impôs suas regras, nos condicionou a cumprirmos nossa função biológica e nos compensou com um espaço de liberdade para fazermos o que quisermos.

Agora, Junior sabia. Quando tomamos consciência desse processo, percebemos que o nosso sucesso e que nossa realização dependem de como atuamos neste ambiente. Sejam os nós mais egoístas ou altruístas, esta lógica vai continuar sua trajetória e somos parte disso. Competição é o nome do jogo da vida. Agora sei - falou Junior em voz alta, como se estivesse falando para o mundo. Tenho uma explicação racional para a minha existência. Sou um homem e só estou aqui porque a competição da minha espécie me produziu após milhões de anos de evolução. Sou um ser em busca de um sentido para minha existência dentro do mundo humano ao qual pertenço. Sou uma pessoa com minhas qualidades e com minhas limitações em busca da felicidade. Sou o Junior em busca do meu propósito.